



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SECRETARIADO EXECUTIVO**

MARIA MADALENA BISPO DOS SANTOS

**CRENÇAS E PRÁTICAS DE LEITURA ACADÊMICA
DOS ALUNOS DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)**

São Cristóvão, SE
2022

MARIA MADALENA BISPO DOS SANTOS

**CRENÇAS E PRÁTICAS DE LEITURA ACADÊMICA
DOS ALUNOS DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Secretariado Executivo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Secretariado Executivo.

Orientador: Prof.º Me. Igor Gadioli Cavalcante.

São Cristóvão, SE

2022

MARIA MADALENA BISPO DOS SANTOS

**CRENÇAS E PRÁTICAS DE LEITURA ACADÊMICA
DOS ALUNOS DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SERGIPE (UFS)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Secretariado Executivo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Secretariado Executivo.

Aprovado em 03 de maio de 2022:

Me. Igor Gadioli Cavalcante (UFS)
Orientador

Dra. Sílvia Regina Paverchi (UFS)

Dra. Nathalia Carvalho Moreira (UFJF)

São Cristóvão, SE
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela a vida, por me dar forças, me iluminar e me conceder a oportunidade de realizar este sonho.

Agradeço aos meus pais, Sr.º José e Sra. Raimunda, que batalharam para que eu tivesse uma educação de qualidade e pelo apoio. Agradeço, em especial, a minha mãe que sempre se esforçou para eu que estudasse, me levava para pegar o ônibus de ir à escola e confiou em mim quando precisei sair da cidade do interior da Bahia para morar sozinha em outro estado e fazer o curso que sempre almejei.

À minha família que de alguma forma me apoiou e torceu por mim.

Ao professor, Me. Igor Gadioli, por ter aceitado ser meu orientador e compartilhar parte de seu conhecimento. Sempre muito compreensivo, atencioso e competente, obrigada por me ajudar a concluir esta etapa tão importante com suas sábias orientações.

À banca pela disponibilidade, correções e contribuições.

Aos professores, Diego Fiel, Flávia Pacheco, Manuela Ramos, Nadege Ramalho e Rosimeri Ferraz que solicitaram projetos de pesquisas nas disciplinas, os quais contribuíram bastante para a minha prática do TCC.

A todos os professores que fizeram parte da minha vida estudantil desde a primeira fase escolar até o momento, hoje vocês formam mais uma profissional, muito obrigada!

Ao nosso querido departamento de Secretariado Executivo que sempre foi muito acolhedor e prestativo, desde a secretaria até os professores.

À coordenação da Central de Estágios que ainda no primeiro período me deu oportunidade de estagiar e estar até hoje vivendo na prática o Secretariado.

Ao meu grupinho de trabalhos acadêmicos, intitulado “mais que uma equipe: friends” Fau, Ravi, Iane e Lucileide pelo trajeto e companheirismo desde o início do curso sempre trabalhando em equipe e sofrendo juntos cada período.

À minha amiga Luciana, também, parceira de seminários e provas, obrigada amiga pela amizade, parceria e apoio.

Aos participantes da pesquisa, obrigada por contribuírem com o meu trabalho.

Por fim, agradeço a todos que de alguma maneira fizeram parte da minha vida e contribuíram para que eu chegasse aqui.

EPÍGRAFE

*Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde,
inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns
fazem passar por ideias.*

(Mário Vargas Llosa)

RESUMO

Este estudo teve o objetivo de investigar e descrever a relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes de Secretariado Executivo da UFS. O estudo parte de um levantamento teórico sobre crenças e práticas de leitura, tratando-se de uma pesquisa de natureza descritiva, uma vez que descreve as crenças sobre leitura acadêmica e as práticas de leituras dos alunos e possui uma abordagem qualitativa. A técnica de coleta de dados utilizada foi entrevista semiestruturada realizada com três discentes da turma de 2018 do curso de Secretariado Executivo pelo *Google Meet*. Nos resultados, observou-se que os entrevistados acreditavam que foram incentivados a ler durante a graduação pelos professores, porém havia outros fatores os quais frustravam e desmotivavam os acadêmicos que não conseguiam compreender a leitura, como excesso de formalidade, jargões, linguagem rebuscada, leitura densa, bem como a falta de tempo. Concluiu-se, ainda, que há uma relação de influência entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica, na qual a segunda é, predominantemente, influenciada pela primeira, contudo, há casos em que a prática também influencia a crença.

Palavras-Chave: Crenças. Práticas de leitura. Secretariado Executivo.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate and describe the relationship between beliefs and practices of academic reading of students of Executive Secretariat of UFS. The study starts from a theoretical survey about beliefs and reading practices, being a research of descriptive nature, since it describes the beliefs about academic reading and reading practices of students and has a qualitative approach. The data collection technique used was semi-structured interviews conducted with three students from the class of 2018 of the Executive Secretary course through Google Meets. In the results, it was observed that the interviewees believed they were encouraged to read during graduation by their professors, but there were other factors that frustrated and demotivated the academics who could not understand the reading, such as excessive formality, jargon, difficult language, dense reading, as well as lack of time. It was also concluded that there is a relationship of influence between beliefs and academic reading practices, in which the latter is predominantly influenced by the former; however, there are cases in which the practice also influences the belief.

Keywords: Beliefs. Reading Practices. Executive Secretariat.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 1/5.....	27
Quadro 2 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 2/5.....	28
Quadro 3 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 3/5.....	29
Quadro 4 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 4/5.....	30
Quadro 5 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 5/5.....	32
Quadro 6 - Estratégias de Leitura.....	34
Quadro 7 - Princípios da Leitura.....	36
Quadro 8 - Dificuldade de Compreensão	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	CRENÇAS.....	12
2.2	PRÁTICAS DE LEITURA	16
3	METODOLOGIA	23
3.1	DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	25
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	43
	APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada	46
	APÊNDICE B – Transcrições das entrevistas	47

1 INTRODUÇÃO

As experiências ao longo da vida constroem e interiorizam as nossas crenças que representam nossos pontos de vista, opiniões e pensamentos, refletindo na maneira como observamos a realidade e, por conseguinte influenciando nossa percepção de mundo e nossas ações. As crenças ajudam a constituir aquilo que somos - todo indivíduo acredita em algo - aliás, até mesmo o fato de não crer implica em uma crença.

Nascimento, Oliveira, F. e Oliveira, M. (2020, p. 73) destacam:

Crenças podem ainda ser definidas como construções, resultantes de nossas experiências e interação com o contexto, de nossa capacidade de refletir sobre o que nos rodeia. Desse modo, são resultados de experiências cognitivas, culturais e sociais.

Entende-se que as crenças são construídas a partir da realidade na qual o indivíduo está inserido e constrói suas relações sociais; elas têm uma relação direta com as nossas ações, pois normalmente agimos com base no que acreditamos. “[...] As crenças fazem parte da construção do nosso ser, implicando em nossas decisões, ações e emoções” (NASCIMENTO; OLIVEIRA, F.; OLIVEIRA, M., 2020, p. 72).

Considerando que as crenças implicam em nossas ações, podemos concluir que elas também influenciam o processo de leitura e aprendizagem. “[...] Ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados” (KLEIMAN, 2002, p. 10). Uma vez que a leitura está ligada intimamente à formação acadêmica e atuação profissional do indivíduo, acreditamos ser importante conhecer quais são as crenças dos discentes sobre a leitura acadêmica no curso de Secretariado Executivo.

Silva, J. (2011, p. 22) aponta: “a leitura deve ser vista como um conjunto de comportamentos que se regem por processos cognitivos armazenados na memória do indivíduo, os quais afloram durante o contexto da atividade leitura.” Na prática de leitura o pensamento, a linguagem, o raciocínio, o conhecimento prévio e a bagagem cultural, auxiliam na hora de atribuir sentido, compreender e interpretar um texto, e isso mantém o cérebro ativo estimulando a imaginação, a criatividade, e desenvolve o pensamento crítico.

Conforme Franco, Rezende e Silva, R. (2012) não raramente, alunos chegam à Universidade e leem apenas o mínimo necessário exigido no curso. Sabe-se que é importante todo estudante cultivar o hábito de ler não só as bibliografias propostas pelos professores nas disciplinas, mas também ler para manter-se atualizado e informado sobre as produções na sua área, por exemplo.

Desse modo, esta monografia estuda as crenças e práticas de leitura acadêmica junto aos discentes do curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal de Sergipe - UFS. O trabalho parte de um levantamento teórico sobre crenças e práticas de leitura, tratando-se de uma pesquisa de natureza descritiva, uma vez que descreve as crenças sobre leitura acadêmica e as práticas de leituras dos alunos e possui uma abordagem qualitativa.

A questão de pesquisa que norteou esta monografia foi: Qual é a relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes de Secretariado Executivo da UFS?

Dessa forma, o objetivo geral consiste em investigar qual é a relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes de Secretariado Executivo da UFS. Em termos específicos, os objetivos são:

- a) Descrever as crenças dos discentes de Secretariado Executivo da UFS sobre a leitura acadêmica;
- b) Descrever as práticas de leitura acadêmica dos discentes de Secretariado Executivo da UFS;
- c) Estabelecer uma relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes de Secretariado Executivo da UFS;

O estudo justifica-se pelo fato de que a leitura é essencial na formação acadêmica e atuação profissional desses alunos; ademais, faz-se necessário conhecer as práticas leitoras dos discentes para compreender como ocorre sua compreensão escrita.

Ler com frequência deveria ser um hábito para os universitários, no entanto alguns fatores impedem o êxito dessa prática. Dauster nos lembra da relevância da leitura no ensino superior:

No Ensino Superior, a leitura é um dos elementos essenciais para o desempenho acadêmico, pelo fato de se exigir que o aluno tenha uma metodologia individual, autônoma e eficiente de leitura. Desse aluno se espera que assuma a posição de coautor na construção dos conhecimentos legitimados nessas instituições e demonstre um perfil

de leitor-acadêmico (DAUSTER, 2003 *apud* TANZAWA; PULLIN, 2012, p. 266).

Nota-se que a leitura contribui para o desenvolvimento acadêmico dos discentes e para obtenção de novos conhecimentos dos quais eles poderão ser os coautores. Além disso, colabora para os alunos desenvolverem senso crítico, podendo expressar e argumentar suas opiniões e ideias de maneira clara e concisa, sendo mais bem compreendido.

Considerando duas das atribuições do Secretário Executivo de acordo com a Lei nº 7.377/85, artigo 4º, “IV - redação de textos profissionais especializados, inclusive em idioma estrangeiro e V - interpretação e sintetização de textos e documentos” (BRASIL, 1985), percebe-se que a leitura e a escrita são habilidades necessárias para o êxito na execução dessas competências.

Logo, a leitura é fundamental tanto no processo de aprendizado do profissional de Secretariado Executivo quanto para o desempenho da profissão. O secretário executivo é um facilitador da comunicação, e a leitura é essencial para uma comunicação eficaz no seu meio de atuação.

Diante disso, a pesquisa foi realizada com a turma de 2018, visto que à época da pesquisa os alunos estavam concluindo a graduação e cursavam a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) I ou II. Isto é: conheciam a carga teórica de cada disciplina e estavam no estágio de maior prática de leitura. Portanto, acreditamos que esses discentes poderiam contribuir para entendermos como se dão as crenças e as práticas de leitura no curso; assim, elencamos o que eles acreditavam e o que praticavam referente à leitura acadêmica.

Este estudo poderá contribuir para os professores conhecerem as crenças dos discentes do curso de Secretariado Executivo sobre leitura acadêmica e suas práticas, o que poderá ajudar a adaptar metodologias de ensino ou desenvolver estratégias para amenizar eventuais problemas causados por práticas leitoras restritas que os alunos possam apresentar.

Também entendemos que os discentes de Secretariado Executivo precisam ser mais conscientes quanto à prática da leitura, então o estudo também trouxe contribuições para estes, uma vez que pode estimulá-los a aumentar o hábito de leitura que é tão essencial para a formação, exercício profissional e ingresso em programas de pós-graduação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CRENÇAS

As crenças fazem parte da bagagem cultural de todo ser humano, estão presentes em sala de aula e influenciam o processo de aprendizagem e a maneira de se aprender. Nesse sentido, as nossas concepções estão presentes no modo como construímos o conhecimento, agimos como pessoas e como profissionais. Observa-se, empiricamente, que as crenças adquiridas no convívio social são levadas para a sala de aula, interferindo no processo de ensino-aprendizagem (AGUIAR, 2014).

Desse modo, o estudo de crenças é relevante a partir do momento em que estas podem interferir positivamente ou negativamente na vida acadêmica dos discentes, com interferência direta em seu aprendizado. Todo discente tem suas crenças baseadas em sua realidade e vivência, que podem tanto limitar quanto facilitar o seu desenvolvimento em sala de aula.

A crença influencia consciente e inconscientemente nossos pensamentos e ações. Todavia, “[...] não somente as crenças influenciam a ação, mas somente as experiências e as reflexões sobre as próprias ações podem vir a causar uma mudança nas crenças já existentes ou vir a formar novas crenças” (BARCELOS, 2006 *apud* AGUIAR, 2014, p.?).

Sabe-se que são vários os fatores que podem influenciar a prática de leitura, por exemplo, e as crenças são só um deles, mas possivelmente um dos principais. Elas influenciam experiências e ponderações, as quais por sua vez podem alterar ou construir novas crenças tanto sobre a leitura como qualquer outra prática.

De acordo com Neves (2004) o conceito de crença pode ser entendido como o conjunto de opiniões e ideias que influenciam o comportamento de um indivíduo em um contexto específico. Todos têm uma opinião sobre alguma coisa a partir daquilo que eles acreditam ser verdade; já para Azevedo e Lemos (2018b, p. 238),

[...] a crença é de início um estado da mente e um estágio do pensamento. Crença, opinião e conhecimento são momentos distintos do pensamento, em que, aquele que crê em algo, o faz porque detém uma proposição ou premissa em função de uma verdade a qual pretende alcançar ou afirmar.

Entende-se que a crença e a opinião são estágios diferentes do pensamento. Isto é, as crenças são pontos de vista convictos em relação a coisas ou pessoas que

implicam em como se percebe a realidade. Quando se acredita em algo se tem a certeza de que aquilo é uma verdade, e algumas crenças são impostas às pessoas e elas nem as percebem - apenas as reproduzem.

“As crenças são um conceito bastante antigo e fundamental para compreendermos a razão de nossas ações [...]” (OLIVEIRA, M.; LIMA, 2016, p. 111). Ainda na infância o sujeito começa a tomar consciência sobre os comportamentos, representações e concepções valorizadas pelo seu grupo de referência e assim estrutura, de modo seletivo, o seu repertório de crenças (SOUSA, 2011, p. 17).

Desse modo, as primeiras crenças do indivíduo já podem sofrer influências das pessoas que ele tem como referência as quais, inicialmente, são a família. Com o tempo, com as novas vivências e relações que são construídas e os novos ambientes a que se tem acesso, o conjunto de crenças é ampliado e modificado.

O conjunto de crenças de um indivíduo é constituído por suas experiências, personalidade, fatores cognitivos e culturais, portanto as crenças são individuais e variam de acordo com o contexto em que ele vive (NEVES, 2004). A construção das crenças ocorre pela influência do contexto, pela interação social e pela relação que o sujeito estabelece com o ambiente onde vive. Elas se concretizam através de hábitos, costumes, tradições, maneiras de pensar e agir (NASCIMENTO; OLIVEIRA, F.; OLIVEIRA, M., 2020, p. 73).

Destarte, compreendemos que as crenças podem ser adquiridas através de experiências pessoais, sociais, assim como de influência da família, sociedade, amigos, universidade e professores, por exemplo. Além disso, as pessoas têm diferentes crenças que podem ser mutáveis de acordo com o contexto ou a partir de novas vivências e conhecimentos.

As crenças costumam ser determinantes no comportamento e na ação humana, independentemente do conhecimento sistematizado. Em outras palavras, elas costumam prevalecer sobre o conhecimento teórico adquirido, além de poderem ser a origem do conhecimento novo (LIMA, 2006 *apud* AGUIAR, 2014, p.?).

Podemos concluir que as crenças se refletem em nossas ações e comportamentos, e ainda influenciam no processo de aprendizagem predominando sobre o que sabemos ou provocando a busca por novos conhecimentos. Através das crenças é possível saber, por exemplo, como os discentes percebem e o que pensam sobre a leitura, bem como entender a razão de eles agirem da maneira que agem no que tange à leitura acadêmica.

Concordamos com Barcelos quando diz que “[...] as crenças não são somente um conceito cognitivo, mas também social, porque nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca” (BARCELOS, 2004, p. 132). Segundo Azevedo e Lemos (2018a, p. 53) as crenças podem ter origens diversas e estarem vinculadas a estruturas também distintas. Por exemplo, uma crença de origem irracional pode ser acolhida e mantida culturalmente por milhares de anos.

As nossas crenças surgem já na infância e podem tanto modificar-se com o tempo e as relações que criamos quanto nos modificar. Além disso, as crenças também podem ser culturais, reproduzidas de geração a geração como verdades. Na interpretação de Azevedo e Lemos (2018a) a crença ocupa na mente o lugar de certeza ou verdade, mas sem (necessariamente) comprovações científicas, a crença acaba se ajustando à maneira como o indivíduo enxerga o mundo.

Acreditar em algo com convicção é ter a certeza de que aquilo é real, porque passamos a enxergar as coisas pelo modo como acreditamos nelas. Então, entende-se que a crença pode moldar a forma como percebemos o mundo e as coisas à nossa volta, pois “uma vez formadas as crenças, o cérebro começa a procurar e encontrar evidências que as confirmem, o que aumenta a confiança emocional e acelera o processo de reforço dessas crenças” (SHERMER, 2012, p.?).

Quanto mais acreditamos em algo, mais cultivamos e fortalecemos as nossas ideias e opiniões. É sabido que as crenças possuem diversas características que contribuem para a formação do indivíduo seja no âmbito pessoal, acadêmico ou profissional.

Barcelos (2007) caracteriza as crenças dividindo-as em sete categorias: 1) Dinâmicas; 2) Emergentes, socialmente construídas, e situadas contextualmente; 3) Experienciais; 4) Mediadas; 5) Paradoxais e contraditórias; 6) Relacionadas à ação de uma maneira indireta e complexa e 7) Não tão facilmente distintas do conhecimento.

Compreende-se que as três primeiras concepções de crenças são referentes à ideia de que elas podem ser momentâneas, ou seja, mudam e surgem com o tempo e a partir de novas experiências. Já os últimos conceitos também apresentados por Barcelos mostram que as crenças podem ser contraditórias por serem sociais, individuais e únicas, e estarem ligadas à ação e ao conhecimento.

Apesar das pessoas terem a ideia de crença ligada à religião, percebe-se que é muito mais que isso, pois temos um sistema de crenças sempre presente em nossas vidas que nunca acaba - apenas se modifica ou se renova com o tempo e experiências. Azevedo e Lemos explicam sobre o sistema de crenças, definindo-o assim:

Um sistema de crenças reúne crenças e valores compartilhados por uma determinada cultura, que definem nesse conjunto, um modo específico de perceber o mundo social, cultural, físico e psicológico, o qual afeta diretamente nosso estado de consciência e nossa compreensão daquilo que formulamos como realidade. A maneira como compreendemos o real e os adjetivos que a ela atribuímos é construída em nosso sistema de crenças (2018b, p. 238).

Ainda em Azevedo e Lemos (2018b, p. 238) “o conjunto de valores de uma cultura e nossa aceitação ou rejeição desses valores são frequentemente baseados em nosso próprio sistema de crenças culturais.” Conclui-se que o conjunto de crenças e valores culturais de uma pessoa está agrupado no sistema de crenças e colabora para a maneira como percebemos e entendemos a realidade. A forma como agimos tem influência direta do nosso sistema de crenças culturais.

A formação do sistema de crenças é tipicamente cultural, pois envolve linguagem, matemática, artes, música, símbolos e representações. Tais elementos se fundem em educação, porém a educação não é necessariamente a primeira estrutura que abriga e forma o sistema de crenças humano, uma vez que a cultura, como forma simbólica primeira, é construtora desse sistema (AZEVEDO; LEMOS, 2018a).

A cultura é composta por educação e por um conjunto de costumes, tradições, comportamentos e ideias de um grupo social e está ligada diretamente ao sistema de crenças, por isso os primeiros valores e crenças podem ser construídos através da cultura em que o indivíduo está inserido. Por outro lado, Shermer (2012) esclarece também ser possível que esporadicamente as crenças surjam a partir de uma experiência reveladora que não tem relação alguma com os seus antecedentes pessoais ou com sua cultura.

Quando construímos as nossas crenças, às vezes ignoramos a ideia de as pessoas possuírem crenças distintas e que também são tidas como verdadeiras, as quais podem revelar uma versão que desconhecemos sobre aquilo que acreditamos. De acordo com Shermer (2012) isso acontece porque o ser humano tem a tendência

de rejeitar e destruir as crenças do outro que são diferentes das suas por considerá-las absurdas e/ou más, dificultando assim mudança de opinião diante de novas evidências.

As pessoas possuem inúmeras crenças de naturezas diversas e as nossas ações podem ser influenciadas por aquilo que acreditamos e às vezes ocorre de forma tão natural que nem notamos que aquela ação foi norteadada por uma ou mais crenças. O mesmo ocorre com a leitura acadêmica, algumas crenças podem influenciar na prática leitora do discente que tem relação direta com o seu aprendizado, por exemplo, o que ele lê, como lê e o motivo de ler ou não algo.

2.2 PRÁTICAS DE LEITURA

Ler e estudar são atividades inter-relacionadas, porém não são a mesma atividade. O estudo compreende a leitura, mas não é feito somente dela; já a leitura é uma atividade base do estudo (SOUZA, I., 2017). Por isso, a leitura é indispensável na academia, onde são formados profissionais para o mercado através de práticas letradas.

As práticas de leitura são utilizadas desde o processo de aprendizagem que começa na alfabetização e vai até a atuação profissional, e contribuem para a obtenção de novos conhecimentos e conseqüentemente para um bom desempenho acadêmico e profissional. Souza, M., Vieira e Scaqueti definem leitura a seguir:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir do que está buscando nele, do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do autor e do que sabe sobre a língua e características do gênero, do portador, do sistema de escrita (2017, p. 20).

Entende-se que no processo de leitura todo o conhecimento preliminar do leitor acerca do conteúdo, assim como sua bagagem cultural, auxilia na construção de significado e compreensão de um texto. Assim, “considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e sentidos em relação ao mesmo texto” (KOCH; ELIAS, 2008, p. 21). Ou seja, um mesmo texto poderá ter diversas interpretações; enquanto algumas poderão ser mais parecidas, outras serão totalmente divergentes.

De acordo com Solé (2008) a interpretação que temos de um texto depende em partes do objetivo da leitura, ou seja, é possível que dois leitores com finalidades

diferentes extraíam informações distintas do mesmo conteúdo. A autora ainda ressalta que, por essa razão, “os objetivos da leitura são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar as crianças a ler e a compreender” (SOLÉ, 2008, p. 22).

Compreende-se que toda a bagagem de conhecimento que possuímos e o propósito o qual cada um de nós tem para ler um determinado texto são as peças-chaves para a interpretação, compreensão e entendimento deste texto. A leitura abre caminhos para imaginação, criatividade, aprendizagem, inclusão, oportunidades, além de poder transformar o ser humano em um ser pensante, crítico e comunicador.

Cantalice e Oliveira, K. (2009, p. 228) trazem outro conceito para leitura:

A leitura é um processo cada vez mais presente no dia a dia do ser humano, possibilitando uma melhor inserção social. Ela envolve praticamente quase todos os aspectos da psicologia humana: capacidade sensorial, percepção, aprendizagem, motivação, pensamento, memória, dentre outros.

Em ambos os conceitos se nota que a leitura é vista como um processo, ou seja, é uma ação contínua, e a todo o momento está sendo praticada de alguma maneira. Tal processo às vezes já se inicia no âmbito familiar, e é aprimorado desde a primeira fase escolar até o último estágio de vida do indivíduo. O exercício da leitura favorece o aprendizado, aprimora o vocabulário e possibilita que o leitor atribua significados ao conteúdo que está lendo a partir da sua bagagem cultural.

Na construção do significado de um texto, o leitor mobiliza todo o seu conhecimento socialmente adquirido e armazenado em esquemas mentais, confrontando-os com as impressões do autor do texto; entende-se, portanto, que a leitura se processa na interação autor-texto-leitor (SANTOS, S., 2006). No processo de leitura, o leitor aplica ao texto um modelo cognitivo, ou esquema, baseado em conhecimentos armazenados na memória, que pode no decorrer da leitura se confirmar e se fazer mais preciso, ou pode se alterar rapidamente (KOCH; ELIAS, 2008).

Desse modo, pode-se concluir que no âmbito acadêmico o conjunto de conhecimento prévio que o discente possui é um dos fatores essenciais para a compreensão, produção de significado e sentido textual. Então, o histórico de aprendizado linguístico, textual e de vida do indivíduo é fundamental na prática leitora.

A leitura é um processo de apreensão e compreensão de um algum tipo de informação e veio para nos levar além, nos torna seres pensantes, críticos, que sabem expressar-se de forma que exponha sua própria opinião, impulsiona-nos a possibilidades de conhecimento a níveis inimagináveis, transforma a nossa consciência perante o mundo que vivemos[...] (SANTOS, D.; MARQUES, 2016, p. 17201).

Dessa forma, a prática de leitura nos permite adquirir conhecimento, aprimorar a interpretação e compreensão textual, enriquecer o vocabulário, desenvolver a criatividade e criticidade, aumentar o poder de escrita e eficácia na comunicação.

O sentido maior da leitura é garantir a escrita como um bem cultural no processo de ampliação e compreensão do mundo, e a leitura é um processo longo que deverá ser iniciado, provocado, sustentado e desenvolvido durante as experiências escolares (SILVA, J., 2011).

Percebe-se que o hábito de leitura deveria ser constituído e aprimorado desde o ensino básico e espera-se que na graduação os discentes possuam um nível de leitura mais sofisticado, porém é comum observar dificuldades de leitura e compreensão nessa esfera. Esse problema pode derivar da falta do hábito de ler, da falta de tempo, da precariedade do ensino anterior preliminar, do estilo rebuscado do conteúdo e da desmotivação, dentre outros fatores.

Ismar Souza (2017) explica que leitor não é quem sabe ler, e sim, quem gosta de ler, uma vez que ele não apenas lê como também compreende o conjunto de palavras, frases, ideias e conceitos. A definição de leitor na concepção de Ismar Souza aponta implicitamente a diferença entre leitor e alfabetizado; o primeiro compreende, enquanto o segundo apenas decodifica as palavras.

Nas palavras de Solé (2008) a leitura como um processo de interação leitor-texto envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto, e também implica que sempre lemos para alcançar alguma finalidade. O leque de objetivos do leitor é amplo e variado: devanear, divertir-se, procurar uma informação concreta, informar-se ou refutar um conhecimento prévio, dentre outros.

Dessa forma, percebe-se que neste tipo de leitura o leitor apresenta uma posição ativa interagindo com o texto, absorvendo e compreendendo o máximo de informações possíveis sobre o assunto. Para a prática de leitura acadêmica é essencial que o estudante assuma o lugar de leitor ativo que o permite conversar com o texto e compará-lo a outras obras.

Segundo Ismar Souza (2017) ler é uma atividade que pode exigir mais ou menos esforço, dependendo da finalidade da leitura ou da complexidade do estudo a ser realizado. Para o exercício da leitura não se perder é preciso que o leitor defina objetivos; Koch e Elias (2008) explicam que são eles que nortearão o modo de leitura, se será com mais ou menos tempo, atenção e interação.

Logo, compreendemos que a prática de leitura deve ocorrer conforme os propósitos do leitor que no âmbito acadêmico podem ser: realizar trabalhos como fichamento, relatório, resenha, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado, apresentações, aperfeiçoar a escrita, melhorar a oratória, dentre outros fins. De modo geral, “a leitura para aprender tem o objetivo de adquirir conhecimento sobre um assunto específico de forma a ampliar a compreensão geral deste assunto e sua relação com outros fatos” (SOUZA, I., 2017, p.?).

Assim, ter objetivos definidos facilita a manutenção da prática de leitura acadêmica que tem como uma das suas finalidades principais provocar o aprendizado. Ademais, o hábito de ler pode começar aos poucos com assuntos que o discente tenha afinidade ou interesse - conforme Ismar Souza (2017), o importante é avançar nos níveis de leitura da forma mais cômoda e livre que se conseguir.

Além das metas é possível, ainda, seguir o que alguns autores chamam de estratégias do leitor ou de leitura que colaboram nesse processo. Segundo Kleiman (2002) elas são classificadas em cognitivas e metacognitivas. As estratégias metacognitivas seriam aquelas realizadas com algum objetivo em mente e temos o controle consciente, conseguindo explicar a nossa ação. Já as cognitivas seriam aquelas operações inconscientes do leitor, pois ainda não tem um objetivo.

Desse modo, essas estratégias são técnicas que os leitores utilizam para facilitar a leitura e compreensão de um determinado texto; elas apontam caminhos para o êxito na leitura. Porém, além das estratégias cognitivas e metacognitivas também há outros mecanismos que estão inter-relacionados às técnicas e ajudam a criar o costume de ler, como os quatro princípios de leitura apresentados por Ismar Souza (2017): interesse, objetivo geral, concentração e determinação.

O interesse vai depender do valor que damos ao resultado e os benefícios que a leitura nos proporcionará. O segundo princípio trata-se de ter um objetivo claro e definido que está relacionado ao interesse. Em relação à concentração é imprescindível que o cérebro esteja livre para se dedicar à leitura e evitar desviar ou diminuir a atenção durante o exercício. Por fim, a determinação é a energia que

usamos para concluir alguma coisa, ela implementa características positivas como persistência e disciplina ao seu comportamento (SOUZA, I., 2017).

Com esses quatro princípios estabelecidos é possível desenvolver e manter a prática de leitura, uma vez que o leitor estará focado, concentrado e determinado a atingir uma meta conforme seus interesses.

A leitura bem-sucedida depende da nossa capacidade de entender e compreender o texto, e a leitura ativa é o caminho para atingir tal sucesso (SOUZA, I., 2017). Se não compreendemos o que lemos, muito provavelmente a leitura foi em vão, por isso o êxito da leitura está atrelado à compreensão. Ainda, segundo Ismar Souza (2017) a leitura ativa ajuda a reforçar o entendimento e compreensão daquilo que você lê, provocando a necessidade de refletir, relacionar e validar.

No âmbito acadêmico é ainda mais clara a necessidade de entender o que se está lendo, muitas vezes é preciso reler o texto mais de uma vez para compreendê-lo, porque o texto possui excesso de jargão, formalidade, vocabulário rebuscado, e falta de concisão, dificultando a compreensão do leitor. De acordo com Pinker (2016) geralmente as pessoas que escrevem esses textos sofrem da chamada “maldição do conhecimento”, que se trata da dificuldade em imaginar como é para outra pessoa não saber alguma coisa que você sabe. Destarte, não se preocupam em explicar o jargão, sua lógica, ou fornecer pormenores necessários para melhor compreensão do leitor.

Em razão disso, Pinker aconselha que os leitores utilizem o dicionário para compreender os termos técnicos:

Leitores que querem se tornar escritores deveriam ter à mão um dicionário quando leem (há vários deles disponíveis como aplicativos de smartphones) e os escritores não deveriam hesitar em remeter leitores a consultá-los, se a palavra é apropriada do ponto de vista do sentido, evocativa no som e não tão obscura que o leitor nunca mais a encontrará (PINKER, 2016, p. 35).

A dificuldade de compreensão dos alunos na academia é, principalmente, em alguns textos científicos pela falta de familiaridade com esses gêneros e também com o conteúdo. Para alguns discentes o primeiro contato com produções científicas é no ensino superior; dessa forma muitas vezes o estudante não tem conhecimento prévio para uma compreensão suficiente do que está lendo.

[...] A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento já adquirido pelo leitor, pois sem esse conhecimento ou com a sua limitação, não haverá

compreensão, ou pelo menos, haverá um comprometimento em relação ao seu significado (SANTOS, S., 2006, p. 81).

Desse modo, entende-se que a compreensão depende, em partes, do histórico de conhecimento o qual o leitor possui que por sua vez é adquirido através da leitura; por isso, Ismar Souza (2017) explica: a maioria das dificuldades de compreensão está diretamente ligada à falta de prática e interesse pela leitura.

Os alunos que possuem dificuldade de ler e construir o hábito da leitura e chegam ao nível superior de ensino encontram obstáculos quando se deparam com disciplinas mais teóricas e textos mais densos. “A dificuldade dos alunos para compreender os diferentes textos que são necessários para a sua formação acadêmica [...] requer uma reflexão sobre a prática efetiva de ler, compreender e criticar” (SANTOS, S., 2006, p. 79).

É notória a necessidade da prática de leitura acadêmica, mas o interesse deve partir do estudante, que é o principal interessado e beneficiado. Apesar disso, ele também precisa ser estimulado pelos professores que possuem papel fundamental na formação do indivíduo.

“Leitura e compreensão são atividades de grande importância na aprendizagem; portanto, o trabalho em sala de aula desencadeado a partir da leitura deve privilegiar o desenvolvimento do processo de compreensão e criticidade” (SANTOS, S., 2006, p. 80-81). O autor ainda ressalta que o ato de ler e o de aprender são indissociáveis, influenciando-se mutuamente. Dominar a leitura e ser um leitor proficiente conduz o aluno a uma atitude ativa, dinâmica e crítica em relação ao conhecimento (SANTOS, S., 2006).

O estudo decorre, em partes, da leitura e a aprendizagem é resultado do processo de estudar. Assim, estudar, aprender e ler estão intimamente interligados e são totalmente dependentes - um não existe sem o outro. Além de ativar o cérebro e ser um exercício para a mente, a prática de leitura acadêmica proporciona inúmeros benefícios para o leitor, uma vez que possibilita expandir o conhecimento e aprofundar-se nos assuntos da sua área de formação.

Para Ismar Souza (2017) a leitura para aprender só é bem-sucedida através da leitura analítica e/ou sintópica. Na leitura analítica, pode-se ter uma ideia geral do assunto e ainda perceber implicações mais profundas. Além disso, é possível encontrar e entender as relações entre as diferentes partes de um livro. Já a leitura sintópica por sua vez é de um nível mais avançado, profundo e completo; nela o

leitor não só consegue compreender as ideias essenciais do texto reveladas na leitura analítica, como também consegue comparar uma obra com outra, ou várias outras.

Quando o aluno consegue associar e relacionar um texto a outros materiais como artigos e livros de mesmo autor ou autores diferentes, torna-se evidente o seu aprendizado e domínio do assunto. Portanto, o discente que consegue desenvolver e manter este nível elevado de prática de leitura possui vantagens significativas na aquisição e utilização do conhecimento em relação àquele que tem um hábito menos sofisticado de leitura.

3 METODOLOGIA

O trabalho partiu de um levantamento bibliográfico, é de natureza descritiva com uma abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para Marconi e Lakatos (2003) trata-se de um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, que são capazes de fornecer dados atuais e relevantes sobre o tema.

Desse modo, os materiais disponíveis acerca da temática serviram de apoio para o desenvolvimento da pesquisa. Isto é, livros, publicações periódicas, teses e trabalhos acadêmicos são exemplos de fontes bibliográficas que colaboraram para embasar o estudo. Na pesquisa bibliográfica foi realizado o levantamento teórico de informações a partir de diversos materiais já publicados acerca das palavras-chave: crenças e práticas de leitura.

Esta monografia trata-se, também, de uma pesquisa de natureza descritiva que tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Nas pesquisas descritivas não há interferência do pesquisador, ele apenas registra e descreve os fatos observados, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador. Esse tipo de pesquisa envolve o uso de técnicas específicas na coleta de dados, tais como entrevista, questionário, teste e observação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Por este motivo o estudo é descritivo, uma vez que o objetivo é descrever as crenças sobre leitura acadêmica e as práticas de leituras dos discentes sem interferir nas respostas destes e que foram obtidas por meio da técnica de coleta de dados – entrevista semiestruturada.

Em relação à abordagem, sabemos que a metodologia de pesquisa se divide em: quantitativa e qualitativa. Guerra (2014, p. 11) apresenta a seguir o seu ponto de vista em relação ao segundo tipo de abordagem:

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

Prodanov e Freitas (2013, p. 70) corroboram explicando que na “pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. De acordo com os autores, esse tipo de abordagem não utiliza dados estatísticos, pois se preocupa mais com o processo do que com o produto.

Assim, a abordagem qualitativa realiza uma análise subjetiva dos seres humanos podendo trabalhar a compreensão e percepção das pessoas. Mediante o exposto, este estudo baseou-se na abordagem qualitativa em que investigou a relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes do curso de Secretariado Executivo da UFS.

[...] durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada (MINAYO, 2008 *apud* GUERRA, 2014, p. 12).

Nesse sentido, a técnica de coleta de dados utilizada na monografia foi - entrevista semiestruturada realizada com os discentes da turma de 2018 do curso de Secretariado Executivo da UFS. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 195) “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Com o uso de entrevistas é possível:

- Averiguar fatos ocorridos;
- conhecer a opinião das pessoas sobre os fatos;
- conhecer o sentimento da pessoa sobre o fato ou seu significado para ela;
- descobrir quais foram, são ou seriam as condutas das pessoas, sejam elas passadas, presentes ou planejadas (futuras);
- descobrir fatores que influenciam os pensamentos, sentimentos ou ações das pessoas (LAKATOS; MARCONI, 2010 *apud* GUERRA, 2014, p. 18).

O objetivo da entrevista foi identificar quais são as crenças sobre a leitura acadêmica e as práticas de leitura dos referidos alunos. Existem alguns tipos de entrevista, dentre as quais a entrevista semiestruturada foi a utilizada neste trabalho. Segundo Zambello *et al.*, (2018) este formato de entrevista oferece mais flexibilidade

ao pesquisador, permitindo-o refazer e/ou reformular as perguntas para melhor compreensão do entrevistado, além de poder certificar-se de que foi entendido.

Na entrevista semiestruturada, “o roteiro pode possuir até perguntas fechadas, geralmente de identificação ou classificação, mas possui principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de falar mais livremente sobre o tema proposto” (MINAYO, 2008 *apud* GUERRA, 2014, p. 20). Dessa forma, na entrevista realizada com os discentes optou-se por utilizar apenas questões abertas.

O universo da pesquisa é composto pelos discentes da turma de 2018 do curso de Secretariado Executivo da UFS; no momento da elaboração da monografia havia 33 alunos que continuaram no curso, destes 26 estavam ativos, 05 formandos e 02 formados.

As entrevistas foram realizadas com três alunos pela plataforma *Google Meet* no período de 09/03/2022 a 12/03/2022, havia 23 perguntas abertas que as nortearam. Não havia tempo de duração pré-estabelecido para as entrevistas, dessa forma a duração variou conforme o andamento delas.

Marconi e Lakatos (2003) asseguram que as respostas devem ser anotadas no momento da entrevista a fim de garantir a fidelidade e a veracidade das informações; os autores ainda recomendam o uso de gravador, se o informante concordar com a sua utilização. Desse modo, a partir da autorização dos entrevistados, todas as entrevistas foram gravadas pelo recurso do *Windows* e transcritas, posteriormente, para facilitar a análise.

3.1 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A fim de manter as informações dos discentes entrevistados em sigilo, atribuímos-lhes os nomes fictícios: Paola, Miguel e Joana, a fim de preservar-lhes a identidade.

Paola é uma mulher, mãe, casada, tinha 29 anos à época da pesquisa e morava em Aracaju, mas é natural da cidade de Coruripe – Alagoas. Inicialmente, Secretariado Executivo não era sua opção de curso e ela nem sabia que existia graduação para essa área; contudo, após uma pesquisa nos cursos da UFS o encontrou e gostou da grade. Foi então que ela decidiu se inscrever e passou. Paola era bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), ela estava no oitavo período, cursando a disciplina de TCC 1 e no próximo período ela concluiria a graduação e pretendia seguir a carreira acadêmica.

Miguel tinha 26 anos à época da pesquisa, é de Porto Real – Alagoas, mas residia em São Cristóvão - SE em razão da universidade. Ele queria fazer Design de moda, porém optou por Secretariado Executivo pela abrangência do curso antes de tentar moda. Miguel estagiava no Instituto Federal de Sergipe – IFS, ele estava realizando a disciplina de TCC 2 e estava no último período do curso; ele também pretendia seguir a carreira acadêmica.

Joana, a última entrevistada, tinha 36 anos, e era formada em Letras - Espanhol pela UFS e morava em Aracaju. Secretariado Executivo era a sua segunda graduação, contudo, no começo ela queria cursar Administração e na entrevista ela disse: “não escolhi o curso de Secretariado, ele que me escolheu”. Joana trabalhava como vendedora com carga horária de 44 horas semanais, e também fazia estágio obrigatório à noite na UFS. Ela estava no oitavo período fazendo a disciplina de TCC 1 e se formaria no período seguinte; não pretendia fazer mestrado ou especialização.

Todos os entrevistados ingressaram no curso de Secretariado Executivo em 2018, à época da pesquisa eles estavam no final da graduação e na entrevista expuseram as suas crenças e práticas sobre a leitura acadêmica, como veremos na próxima seção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os participantes da pesquisa foram três discentes do curso de Secretariado Executivo da UFS da turma de 2018, sendo duas mulheres (Paola e Joana) e um homem (Miguel).

Conforme os objetivos desta pesquisa, do Quadro 1 ao 5 descrevemos as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes de Secretariado Executivo da UFS. Em seguida, analisamos a relação entre as crenças e práticas de leitura.

Quadro 1 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 1/5

CRENÇAS	PRÁTICAS DE LEITURA
Como é a sua relação com a leitura acadêmica?	
PAOLA: Eu posso dizer que é ótima [...] porque eu acho que a leitura acadêmica para nós acadêmicos é indispensável [...] a gente sempre está procurando informação, evoluir para poder crescer profissionalmente.	
MIGUEL: Boa [...].	MIGUEL: [...] gosto de ler tudo, mas hoje por conta da faculdade eu leio mais assuntos acadêmicos... Por conta do tempo.
JOANA: [...] não é todo material acadêmico que eu tenho interesse, então como não desperta o interesse a gente acaba não lendo tanto quanto deveria [...].	JOANA: [...] Geralmente costumo ler só o material que é indicado pelos professores, eu não pego leituras extraclasse [...] só faço as leituras indicadas e tem alguns, sendo sincera, que só leio as partes principais para as atividades.

Fonte: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Sabe-se que os discentes geralmente têm o primeiro contato com produções científicas apenas quando ingressam no ensino superior. Ou seja, esse hábito não é desenvolvido no nível fundamental e médio, e isso acarreta dificuldade de compreensão e até mesmo de interesse pela leitura acadêmica, conforme se observa na fala da entrevistada Joana, que revelou que alguns materiais acadêmicos não lhe despertavam interesse.

No entanto, durante a entrevista foi possível notar que todos os entrevistados gostavam de ler, e apesar de alguns entraves, acreditavam que possuíam uma boa relação com a leitura acadêmica. A seguir, descrevem-se algumas crenças dos alunos sobre a prática de leitura acadêmica.

Quadro 2 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 2/5

CRENÇAS
Você acredita que a sua percepção sobre leitura acadêmica mudou quando você entrou no curso?
PAOLA: Ah com certeza, disso eu não tenho dúvida [...] a gente sempre tem que ter o cuidado de ter a percepção de outros assuntos, porque a sala de aula não dá para você ver tudo[...] Para você ser um profissional de Secretariado e estar atualizado você tem que acompanhar as produções também.
MIGUEL: Totalmente, porque eu não tinha contato com artigos nem nada científico, então foi da água para o vinho.
JOANA: Mudou um pouco, porque com o passar dos anos e o hábito de pegar sempre essas leituras a gente vai se familiarizando inclusive até com o vocabulário [...].
Você acredita que o seu hábito de leitura acadêmica aumentou, diminuiu ou manteve-se estável a cada período do curso?
PAOLA: [...] hoje como estou só com o TCC, eu acredito que estou lendo bem menos.
MIGUEL: [...] fui começando a ler mais pela a necessidade de entendimento sobre os assuntos relacionados às disciplinas.
JOANA: Acho que estável [...].

Fonte: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Pelas respostas do Quadro 2, os discentes acreditavam que o contato direto com materiais acadêmicos, artigos científicos e a necessidade de se aprofundar nos assuntos da área mudaram a percepção deles sobre a leitura acadêmica, já que até começar a graduação não costumavam ler esse tipo de material.

Com isso, constata-se que o conjunto de crenças dos alunos é ampliado e alterado ao adentrarem a universidade em virtude das novas experiências, relações e visões que o ensino superior proporciona; um exemplo disso é que a prática de utilizar materiais acadêmicos mudou o conceito que os entrevistados possuíam de leitura. Isso se justifica porque as crenças são dinâmicas e podem surgir ou mudar com o tempo, situações e vivências (BARCELOS, 2007).

Quando questionamos se houve alteração no hábito de leitura acadêmica dos entrevistados, obtivemos respostas distintas. Percebe-se, portanto, que isso varia de aluno para aluno em virtude da bagagem cultural, do conjunto de crenças, da importância que eles atribuíam à leitura, dos objetivos que almejavam alcançar, assim como a motivação e a iniciativa própria de ler, conforme observado em outras respostas durante a entrevista.

No Quadro 3, a seguir objetivávamos identificar se os discentes costumavam ler por iniciativa própria, se foram incentivados a ler durante o curso, bem como quais os materiais acadêmicos que tinham o hábito de ler.

Quadro 3 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 3/5

CRENÇAS	
Você acredita que lê por iniciativa própria ou se considera obrigado (a), por quê?	
PAOLA: Eu acredito que leio por iniciativa própria, tem coisas que às vezes a gente não quer ler, mas a gente tem que ler, e nada é em vão, você sempre vai tirar um conhecimento daquilo. Então eu me considero que leio por iniciativa própria porque eu poderia não ler, mas eu leio.	
MIGUEL: Os dois. Depende do assunto, da necessidade.	
JOANA: Por iniciativa própria eu costumo ler quando é algo do meu interesse que eu tenho facilidade de compreensão que é prazeroso, por obrigatoriedade seriam aqueles textos um pouco maçantes que são indicados pelos professores para obter conhecimento na disciplina.	
CRENÇAS	PRÁTICAS DE LEITURA
Você se sentiu incentivado (a) a ler durante a graduação?	Que tipos de materiais você costuma ler na universidade?
PAOLA: Creio que sim, o meu primeiro período mesmo foi muito marcante com as disciplinas de produção e recepção de texto, português instrumental onde a gente sempre foi estimulada a ler, a fazer resenha de livros, a ver a compreensão do texto, e a produzir texto que é muito importante. Então, eu considero que essas duas disciplinas são fundamentais para o aluno já perceber que ele está num curso que ele precisa ler e estar atualizado.	PAOLA: Ultimamente com a pandemia eu estou lendo muito artigo e periódicos de revistas, mas quando estava ativa na universidade eu sempre gostava de pegar livros (na biblioteca) [...].
MIGUEL: Sim, tanto pelos professores quanto por mim mesmo [...].	MIGUEL: Artigos e TCCs da minha área e de outras áreas.
JOANA: Pelos professores sim, eles sempre indicavam não só a leitura da disciplina, mas eles indicavam outras leituras também para que a gente fizesse, eu tive incentivo dos professores.	JOANA: Mais as disciplinas dos professores, os artigos que eles passam.
PRÁTICAS DE LEITURA	
Durante a graduação você leu mais livros inteiros ou trechos?	
PAOLA: Eu acredito que li mais livros inteiros.	
MIGUEL: Trechos e digitais.	
JOANA: Apenas trechos de livros e eram digitais, porque também não busquei muito livro na biblioteca.	

Fonte: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Observa-se que do Quadro 1 ao 3 a entrevistada Paola tinha uma percepção diferente dos demais sobre a leitura acadêmica. Miguel e Joana possuíam crenças parecidas conforme evidenciado na pergunta acerca da leitura por iniciativa própria ou por obrigação. Nota-se que para eles faltava mais iniciativa própria para ler os materiais acadêmicos, já que havia leituras que só realizavam por obrigação.

As respostas do Quadro 3 evidenciam que os docentes do curso de Secretariado Executivo estimularam a leitura acadêmica e não era incentivo o que faltava para os alunos desenvolverem e manterem a prática de leitura, pois todos os entrevistados acreditavam que foram incentivados a ler pelos professores durante o curso.

Em relação à prática leitora, os discentes tinham o hábito de ler artigos, periódicos e livros. Além disso, eles costumavam ler versões digitais desses textos - até mesmo Paola e Joana que preferiam os materiais impressos. A esse respeito, Franco, Rezende e Silva, R. esclarecem:

A geração que se apresenta à universidade tem convivido, lido em veículos diferentes, tais como o computador, tablets, telefones etc. Assim, a leitura do texto virtual, por meio da internet, talvez seja um dos principais veículos de leitura daquele que ingressa na universidade atualmente. (2012, p. 789).

Desse modo, verifica-se que por mais que alguns alunos ainda preferiam ler versões físicas, na prática eles liam mais no formato digital tanto os artigos de periódicos como os livros, e provavelmente esse hábito foi intensificado com a pandemia da COVID 19 em que o acesso às bibliotecas estava restrito.

Investigamos, também, sobre a prática de ler as referências da ementa das disciplinas, notamos as crenças e práticas descritas no Quadro 4.

Quadro 4 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 4/5

CRENÇAS	PRÁTICAS DE LEITURA
Você tem o hábito de ler as referências da ementa das disciplinas e as sugeridas pelos professores?	
PAOLA: [...] o professor apesar de ele se esforçar muito, ele não dá 100%, para chegar nos 100% é o aluno.	PAOLA: Sim, eu sempre tenho, sempre fui curiosa para querer saber mais [...].
	MIGUEL: Quando tinha tempo e quando lembrava.
JOANA: Não, porque o que os professores passam em sala de aula já ocupa bastante o nosso tempo [...]o trabalho acaba influenciando no tempo de leitura.	JOANA: Não.

Fonte: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Na fala de Paola: “o professor apesar de ele se esforçar muito, ele não dá 100%, para chegar nos 100% é o aluno” temos um exemplo de crença que possivelmente foi adquirida ao longo de sua vida estudantil, dado que as pessoas reproduzem que os docentes não conseguem passar todo o conhecimento

necessário e o estudante precisa fazer a sua parte, estudando além da sala de aula. Ao longo da entrevista, observou-se que esta crença exerceu forte influência sobre o comportamento acadêmico de Paola, como a curiosidade de saber mais, a iniciativa de buscar novos conhecimentos até mesmo sobre outras áreas, ler as ementas das disciplinas, referências complementares e acompanhar as produções da área secretarial.

Portanto, Paola era a única que costumava realizar leituras das referências da ementa das disciplinas e as sugeridas pelos professores; já Miguel falou que lia apenas quando tinha tempo e lembrava, e Joana explicou que não leu por falta de tempo. Logo, para Miguel e Joana tratava-se de uma leitura restrita ao que era solicitado em sala de aula para atividades, trabalhos e provas, pois eles não buscavam outras leituras e não costumavam ler as referências das ementas com a justificativa de que a carência desta prática era a falta de tempo.

No entanto, é primordial que os estudantes criem o hábito de ler as referências previstas nas ementas das disciplinas, os textos indicados pelos professores e busquem leituras complementares, uma vez que “entre os fatores que coexistem na produção do êxito ou do fracasso escolar, em qualquer nível de ensino, os relacionados à competência em ler os textos previstos para estudo afetam frequentemente os níveis de desempenho dos alunos” (TANZAWA; PULLIN, 2012, p. 266).

Buscamos, ainda, compreender como eles consideram o tempo dedicado à leitura acadêmica, visto que segundo Ismar Souza (2017) o único caminho para estabelecer o hábito da leitura é ler com frequência.

Quadro 5 - Crenças e Práticas de Leitura Acadêmica parte 5/5

CRENÇAS	PRÁTICAS DE LEITURA
Como você considera o seu tempo dedicado à leitura acadêmica?	Com que frequência você lê os materiais acadêmicos?
PAOLA: Eu acredito que é satisfatório, em alguns momentos eu poderia me dedicar mais, mas quando eu tiro para ler, para estudar eu acredito que é satisfatório.	PAOLA: De três a quatro dias por semana. Geralmente eu estudo de oito a nove horas cada dia, mas têm dias que eu estudo mais, o máximo que já cheguei foi 11 horas.
MIGUEL: Proporcional à necessidade.	MIGUEL: Depende da necessidade, por conta do TCC estou lendo dia sim dia não. Em relação às horas diárias depende também do meu tempo no dia, não é nada certo, mas é em média duas horas.
JOANA: Não é um tempo bom, poderia ser melhor, como eu trabalho isso acaba influenciando chego cansada do trabalho tem momentos que se for começar a ler vai dar sono, então eu procuro ler pela manhã, feriado à tarde, eu uso horários estratégicos para fazer a leitura, porque não é o suficiente.	JOANA: Uns três dias na semana, geralmente eu tiro duas horas para ler cada dia.

Fonte: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Percebe-se que dentre os entrevistados, Paola era a que dedicava mais tempo à leitura acadêmica: ela estudava em média um terço do dia e de três a quatro vezes por semana; por isso, ela acreditava que o tempo dedicado à leitura era satisfatório, ou seja, essa crença dela é influenciada pela prática, visto que as crenças influenciam as ações e também podem ser influenciadas por elas (BARCELOS, 2004).

Por outro lado, Miguel e Joana costumavam ler duas horas nos dias que tiravam para estudar. Isto é, eles possuíam a mesma prática, no entanto tinham crenças distintas sobre como consideravam o tempo dedicado à leitura, uma vez que Miguel achava que era proporcional à necessidade, enquanto Joana acreditava não ser um tempo bom e atribuía isso ao cansaço provocado pelo trabalho.

Assim, constata-se pelas respostas que a crença dos alunos sobre o tempo destinado à leitura acadêmica variava de um para o outro, mesmo quando essas práticas eram equivalentes.

Conclui-se, também, que as crenças dos entrevistados apresentadas no Quadro 5 influenciavam a prática de leitura acadêmica deles. Por exemplo, quando o discente acreditava que ler duas horas durante quatro dias na semana era proporcional à sua necessidade, ele não possuía motivação para expandir essa prática de leitura, visto que já lia o que considerava necessário - tal como ocorreu com Miguel.

A frequência leitora de Joana poderia ser maior, uma vez que ela reconheceu a necessidade de melhorar, mas além da falta de tempo, dado que ela trabalhava 44 horas semanais, havia outros obstáculos que a impediu de ampliar sua prática de leitura, conforme relatado em outras perguntas durante a entrevista, como: desmotivação, dificuldade de compreensão e leituras não atrativas.

Observamos também que os alunos utilizaram algumas estratégias de leitura que contribuíram para a prática leitora, conforme quadro 6.

Quadro 6 - Estratégias de Leitura

Como você lê?
PAOLA: Quando é algo acadêmico eu primeiro faço uma leitura exploratória bem rápida, e na segunda leitura eu começo a fazer um fichamento já fazendo umas anotações das coisas mais importantes, porque geralmente quando tem algo importante sempre guardo, porque eu posso usar mais à frente.
MIGUEL: Na leitura acadêmica leio grifando para marcar as partes importantes [...] se for algo, por exemplo, com foco para escrever, no TCC, por exemplo, marcando para depois transcrever, marcando as partes importantes e ver o que pode ser insumo para alguma coisa futura.
JOANA: Eu costumo ler em voz alta, consigo assimilar melhor o conteúdo, eu sei que a maioria prefere a leitura silenciosa, mas quando eu leio alto é como se alguém estivesse lendo para mim, então eu consigo assimilar melhor as informações. Eu leio duas vezes o texto para compreender melhor, porém eu não começo do início ao fim e depois retomo do início ao fim [...] eu leio por parágrafo, leio aquele parágrafo e depois leio novamente para poder fixar melhor.
Você costuma fazer leitura analítica, isto é, ler o texto, compreender as partes essenciais e conseguir explicá-lo com suas próprias palavras?
PAOLA: Sim, sempre. Acho que isso é uma das minhas qualidades, eu sempre procuro explicar da minha forma para poder assimilar melhor o conhecimento, às vezes se eu não fizer isso eu esqueço com mais facilidade.
MIGUEL: Sim, porque você só consegue entender uma coisa quando consegue explicar ela, você não pode ler uma coisa e de dizer: eu entendi e quando vai passar para uma pessoa não saber explicar, você não entendeu você leu.
JOANA: Quando necessário eu faço isso, quando é exigida alguma apresentação em sala ou processo de avaliação, conteúdo de prova então procuro fazer isso, porque se eu não for falar, mas tenho que escrever sobre o que eu compreendi do texto na prova.
Você costuma interagir com aquilo que lê? Tem facilidade em associar o texto que está lendo com outros materiais que já tenha lido?
PAOLA: Eu sempre fazia essas ligações das coisas que eu lia, mas isso ficou bem mais evidente com a graduação, até mesmo os links com algumas matérias você via algo ali, dois períodos na frente algum professor abordava e você acaba fazendo a semelhança.
MIGUEL: Não, é algo que nunca pensei.
JOANA: Alguns eu consigo fazer isso, mas nem todos, porque tem leitura que é de forma tão simples e clara que parece que o autor está falando com a gente é como se fosse uma conversa e você vai percebendo que já viu esse assunto em outro material. Depende do nível de atração da leitura e da forma como o autor coloca o texto.

Fonte: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Sabe-se que a forma como lemos influencia o aprendizado e cada um tem a sua maneira de ler. Nota-se que os entrevistados utilizavam algumas estratégias na prática leitora como fichamento, leitura analítica e ativa, as quais podem ser utilizadas nos mais diversos modelos de leitura, visto que “as estratégias de leitura, especificamente, caracterizam-se por serem planos flexíveis que os leitores usam,

adaptados aos diferentes tipos de textos” (CANTALICE; OLIVEIRA, K., 2009, p. 228) e contribuem para a compreensão textual.

A entrevistada Paola relatou também que costumava fazer duas leituras, a primeira exploratória e a segunda fichando e anotando as partes que considerava relevante, justificando essa prática com a crença de que poderia utilizá-las depois, como evidenciado na fala: “[...] porque geralmente quando tem algo importante sempre guardo, porque eu posso usar mais à frente”. Essa estratégia de Paola ajudava na compreensão leitora, posto que segundo Ismar Souza (2017) anotar é a maneira de refletir imediatamente sobre o que está estudando.

Observa-se que essas práticas de leitura são fundamentadas em crenças. Por exemplo: os três discentes tinham a prática de fazer leitura analítica, Paola porque acreditava que assimilava melhor e não esquecia fácil, Miguel por sua vez achava que “você só consegue entender uma coisa quando consegue explicar ela” e por fim Joana acreditava que a leitura analítica ajudava a falar ou escrever sobre o que compreendeu. Nesse sentido, Ismar Souza (2017) explica que esse tipo de leitura é a mais completa e tem como objetivo principal entender o conteúdo como um todo, pois consegue revelar as ideias principais do texto.

Quando questionamos se os discentes costumavam interagir com aquilo que liam, buscávamos identificar se eles eram leitores ativos e faziam leitura ativa conversando com texto, associando-o a outros materiais que já tinham lido e reforçando o que já leram.

Ainda dentro da categoria práticas de leitura há também alguns princípios que em conjunto com as estratégias auxiliam na construção do hábito de leitura, conforme se observa no Quadro 7.

Quadro 7 - Princípios da Leitura

O que te motiva a ler?
PAOLA: Acho que conhecimento, porque o conhecimento não tem como você comprar, compra o livro, mas o que está dentro dele não. Então o que me motiva a ler é sempre o conhecimento, ter a certeza que aquilo que você está lendo aqui e agora lá na frente pode usar para a sua vida, você pode mudar a sua vida também, porque a leitura é isso, é moldar a vida para mim eu vejo como isso e também saber transitar em vários assuntos seja política, economia, seja secretariado. Para mim o que me motiva é isso é eu conseguir transitar por diversos campos.
MIGUEL: A necessidade de aprender sobre o assunto.
JOANA: A busca pelo conhecimento de compreender aquela disciplina, porque eu sei que esses conteúdos eu vou precisar na prática quando for começar a trabalhar.
Você costuma ter claro em mente os objetivos que pretende alcançar com a leitura quando vai ler algo?
PAOLA: Geralmente sim, um exemplo, agora eu estou fazendo TCC e o meu objetivo com a leitura é entender as coisas, o que acontecem para depois vir e escrever aquilo que eu aprendi e contestar com a minha realidade digamos assim. [...] Quando eu pego um artigo, o material de alguma revista o meu objetivo é compreender mais a fundo aquilo para realmente saber a raiz daquilo.
MIGUEL: Sim, por exemplo, acabei de passar uns artigos para fazer mais uma subseção no meu TCC e meu objetivo é conseguir insumo para aplicar nesta subseção, colocar autores que tenham relação com a área e eu consiga embasar.
JOANA: Eu nunca tinha parado para pensar sobre essa ótica de já ler com um propósito, eu simplesmente leio, não faço planos para leitura só pretendo compreender o que estou lendo.
Você tem facilidade em se concentrar na leitura acadêmica?
PAOLA: Eu sempre faço de duas a três leituras, a primeira nunca é fácil para mim. Às vezes quando o texto já começa de maneira atrativa que me prende a atenção é bem mais rápida a leitura, mas quando não eu sempre tenho que ler uma segunda vez sim, porque uma vez só não é suficiente para mim.
MIGUEL: Às vezes, porque eu gosto de fazer várias coisas ao mesmo tempo e quando é preciso focar em uma coisa só, nem sempre é fácil se concentrar, tipo desacelerar.
JOANA: Não, só se tiver ambiente silencioso, com barulho fica muito complicado, porque dispersa a atenção.
Você tem o hábito de concluir o que está lendo?
PAOLA: Sim, sempre. Às vezes o artigo não traz um atrativo legal inicialmente, mas pelo título ou quando você lê o resumo inicial tem algo que me chama a atenção, então eu sempre quero ver o que aconteceu. Geralmente vejo muitos artigos com entrevistas, então eu gosto de ver a computação de dados, como foi feito, então eu sempre procuro sim terminar mesmo que a primeira leitura não tenha me prendido, porque sempre há algo que você pode extrair.
MIGUEL: Se eu sentir que a leitura é ruim ou que não vai me agregar em nada ou, por exemplo, tem muito erro de português, erro de concordância que não vai servir para eu fazer nada eu não leio, mas a partir do momento que eu vejo que aquele texto vai ser interessante para mim, concluo normalmente.
JOANA: Depende da leitura, do material a ser lido, se for uma leitura que eu não esteja compreendendo, então eu não tenho muita motivação e acabo deixando pela metade.

Fonte: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Nessas respostas do Quadro 7 é possível observar os 4 princípios de leitura mencionados por Ismar Souza (2017): intenção/interesse, objetivo, concentração e determinação.

Nota-se que o interesse dos entrevistados com a leitura acadêmica era a aquisição de conhecimento, então eles reconheciam e acreditavam que a leitura acadêmica poderia provocar e proporcionar o aprendizado. Além da intenção, é essencial estabelecer objetivos, isto é, entender a finalidade da sua leitura que colaborará para a prática leitora.

No âmbito do ensino, é bom que os estudantes aprendam a ler com diferentes intenções para alcançar objetivos diversos, visto que além de aprenderem a ativar um grande número de estratégias, aprendem que a leitura pode ser útil para muitas finalidades (SOLÉ, 2008). Percebe-se que Paola e Miguel costumavam definir os propósitos quando iam ler algo, porém Joana afirmou nunca ter pensado em defini-los; ao mesmo tempo, explicou que o seu objetivo era compreender o que lia. De acordo com Ismar Souza (2017) o objetivo de leitura muda com um tempo ou com a situação, mas é imprescindível ter bem claro em mente o motivo principal para a sua leitura.

O terceiro princípio é a concentração e todos os entrevistados disseram ter dificuldade em se concentrar na leitura; esse é um princípio fundamental para o êxito na prática leitora. Miguel explicou que não conseguia se concentrar com facilidade, porque gostava de fazer várias coisas ao mesmo tempo, corroborando assim com o pensamento de Ismar Souza (2017) - quanto mais atividades paralelas você estiver fazendo, menor será sua capacidade de se concentrar, visto que quando executamos várias tarefas não conseguimos prestar atenção em todas ao mesmo tempo.

Por outro lado, Joana falou da dificuldade de se concentrar quando havia barulho e sobre isso Ismar Souza (2017) aconselha eliminar as distrações internas antes de começar a leitura. O último princípio é a determinação de concluir o que se está lendo, e apenas Paola tinha a prática de ler o texto completo independente se era atrativo, pois acreditava que sempre poderia extrair-lhe algo. Já Miguel e Joana só as concluíam se a leitura fosse interessante, compreensível e estimulante.

Os entrevistados falaram também sobre a dificuldade de compreender alguns materiais acadêmicos, como veremos a seguir.

Quadro 8 - Dificuldade de Compreensão

Como é a sua compreensão leitora?
PAOLA: Bom, se for da minha área a compreensão... não é difícil, mas às vezes você encontra alguns termos que você não está muito apto a ver, e acaba tendo que recorrer a dicionários, isso é uma coisa que a gente sempre usa - um dicionário seja online ou seja o impresso mesmo, porque muita das vezes tem alguns artigos científicos que não é de fácil compreensão, então a gente sempre tem que recorrer ao dicionário para conseguir assimilar tudo.
MIGUEL: Depende do assunto, é relativo. Acredito que eu compreendo bem, porque eu assimilo o que li.
JOANA: Alguns eu compreendo bem, outros eu tenho dificuldades, acho que é um meio termo eu não consigo compreender bem todos, mas tem outros que consigo.
Como você reage diante de textos complexos que você não tem afinidade com o assunto?
PAOLA: Recorro ao dicionário, mas quando eu quero me aprofundar no assunto eu sempre leio o texto uma vez, não entendi, leio uma segunda vez [...] e quando o texto é muito difícil leio por uma terceira vez justamente para grifar aquilo que é mais importante. Até depois mesmo que você consulta o dicionário que você coloca as palavras lá, quando você lê de uma terceira vez a compreensão já vem 90%.
MIGUEL: Faço alguma pesquisa em cima daquilo que não estou compreendendo.
JOANA: Eu fico um pouco frustrada, porque às vezes tem assuntos que eu quero entender e não consigo, como por exemplo, na disciplina de filosofia tinham os filósofos que eram passados à leitura e muita leitura eu não compreendia o que o autor queria dizer. Então, isso meio que me frustrava um pouco durante as leituras por não compreender o material. O que você fazia para tentar compreendê-los? Especificamente nessa disciplina eu busquei vídeos na internet de comentários de críticos que já fizeram essas leituras e explicavam de uma forma mais clara, eu procurava outros métodos de apoio para compreender a leitura.
O que você percebe como leitura densa?
PAOLA: Depende [...] quando você vai ler algo que você não está concentrado, que a sua mente não está ali 100% naquilo a leitura já começa a ser densa. Mas em contrapartida eu acho [...] que uma leitura densa ela pode ser também quando o autor acaba escrevendo demais, dá várias voltas e acaba não chegando a lugar algum [...] e quando termina você não tem aproveitamento nenhum, então eu também considero isso uma leitura densa. E também quando você usa de muitos adjetivos e termos complexos, porque muita das vezes a leitura não precisa ter vários termos complexos, a leitura tem que ser simples para que o leitor entenda.
MIGUEL: Aquela leitura que vem com muitos jargões [...] uma linguagem que não seja de fácil compreensão. Por exemplo, você pode transmitir uma ideia de forma simples usando palavras do dia a dia, ou usando formas complexas, jargões, coisas que você utiliza mais na área, o que torna a leitura densa. Então acaba deixando a leitura mais cansativa e não tão acessível a todo mundo [...] Os textos densos são mais cansativos e precisam de uma atenção maior para entender.
JOANA: É aquela leitura que se torna um pouco cansativa pela quantidade de páginas, chega um determinado momento de páginas que para você lembrar-se do que você leu na introdução, nos primeiros tópicos você já meio que se perdeu um pouco de tanto conteúdo que teve que ser assimilado, absorvido. É uma leitura extensa com muitas páginas. Eu peguei a dica de um professor, eu costumo ler a introdução e a conclusão, porque você consegue saber do que se trata o texto.

Fonte: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Mesmo utilizando estratégias e princípios de leitura, constatou-se nas respostas das perguntas do quadro 8 que os entrevistados possuíam dificuldade de compreensão na leitura de alguns materiais acadêmicos devido a termos técnicos, jargões, linguagem difícil, leitura longa e cansativa. Isso atesta o julgamento de Correia e Abreu (2020, p. 33): “livros e artigos científicos intimidam os jovens leitores da Academia, não apenas pelo excesso de terminologia, mas, principalmente, pelo estilo rebuscado, frases mal construídas e ausência total de apelo estético”.

Em vista disso, Paola falou sobre os artigos científicos de difícil compreensão, e o hábito de sempre utilizar dicionário para compreendê-los. Neste aspecto, Pinker (2016) é a favor dos estudantes utilizarem o dicionário quando leem, principalmente aqueles que desejam ser escritores e ainda explica que os escritores deveriam sentir-se a vontade em remeter os leitores a consultá-los, se a palavra tiver sentido adequado.

No que tange à prática dos discentes em relação a textos complexos, percebe-se que Paola reagia diferentemente dos demais. No caso dela, o hábito de recorrer ao dicionário e ler três vezes era influenciado pela sua crença de que assim sua compreensão melhorava quase 100% - caso ela não acreditasse nisso, não utilizaria essa estratégia. Já Miguel e Joana possuíam uma prática semelhante, pois faziam pesquisas sobre aquilo que não compreendiam.

Em relação à leitura densa, Miguel a definiu como uma leitura com muitos jargões, com linguagem que não é fácil de compreender e citou o exemplo de excesso de terminologias de uma área específica: “você pode transmitir uma ideia de forma simples usando palavras do dia a dia, ou usando formas complexas, jargões, coisas que você utiliza mais na área, o que torna a leitura densa”. Acerca disso, Pinker (2016, p. 86) afirma “grande parte do jargão pode simplesmente ser banida e ninguém sentirá falta dela”.

O uso exacerbado de termos técnicos e/ou complexos afeta a leitura dos alunos e conseqüentemente a compreensão, e com isso o leitor acaba precisando explorar outras maneiras para compreender o texto como buscando o significado e sinônimos em outras fontes, tentando entender pelo contexto que às vezes não é possível, e tudo isso pode frustrar e desmotivar o leitor.

Por fim, resumidamente algumas das crenças dos discentes sobre a leitura acadêmica eram: a leitura é indispensável para acadêmicos, alguns materiais não despertam interesse, o acesso a textos científicos mudou a percepção sobre a

leitura, dependendo do assunto leem por iniciativa própria ou por serem obrigados, os professores os incentivaram a ler e o trabalho influencia no tempo de leitura.

Descrevem-se também algumas práticas de leitura dos entrevistados: Paola leu muitos artigos e periódicos de revista na pandemia, em relação a livros ela os leu por completo, leu as referências das ementas das disciplinas e a frequência leitora era de três a quatro vezes por semana com oito horas de estudo cada dia. Já Miguel leu artigos e TCCs, não leu livros inteiros - apenas trechos, não costumava ler as referências sugeridas pelos docentes e tinha o hábito de ler duas horas dia sim dia não. Enquanto isso, Joana leu somente as leituras indicadas pelos professores para atividades e trabalhos, não leu livros inteiros, apenas trechos, não costumava ler as ementas das disciplinas e tinha a prática de ler duas horas durante três vezes na semana.

Conclui-se que os entrevistados possuíam, na maioria das vezes, crenças e práticas leitoras distintas, conforme seus objetivos e realidades. Além disso, há uma relação de influência entre as crenças e as práticas de leitura, em que as crenças que para eles eram verdades influenciavam e norteavam as práticas leitoras. Isto é, o modo como eles praticavam a leitura era baseado no que eles acreditavam sobre essa prática.

Observou-se, no entanto, que existem situações nas quais a prática também influencia a crença como, por exemplo, quando a entrevistada lia em média oito horas de três a quatro vezes por semana e acreditava ter uma frequência leitora satisfatória, a sua crença era baseada na prática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como previsto nos objetivos específicos deste trabalho, descrevemos as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes do curso de Secretariado Executivo da UFS obtidas através da técnica de coleta de dados – entrevista. Respondendo a problematização inicial deste estudo: Qual a relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica, assim como esperado, averiguamos que há uma relação de influência entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica, sendo a segunda, predominantemente, influenciada pela primeira, no entanto observou-se também que há casos em que a prática influencia a crença.

Os discentes acreditavam que a leitura acadêmica proporcionava o aprendizado, eles tinham consciência da relevância da mesma em sua formação e atuação profissional, e esta crença além de nortear o comportamento dos estudantes provocava a busca por novos conhecimentos tanto que na pergunta: o que te motiva a ler? As respostas foram unânimes – o conhecimento.

A partir do levantamento teórico realizado notou-se que a prática de leitura pode ser estimulada aos poucos, começando com assuntos e materiais de interesse do leitor que pode começar lendo de duas a três vezes por semana até tornar-se um hábito, sendo cada vez mais frequente em sua vida, pois não basta ler mais - é preciso querer e desenvolver o interesse pela leitura (SOUZA, I., 2017).

O importante é ter o hábito de ler, e aos poucos evoluir ao ponto de ter a prática de leitura por prazer, para obter informação e, sobretudo, para aprender. Com o tempo e exercício, a prática de leitura acadêmica também se torna prazerosa. Estabelecer objetivos, estratégias e cumpri-los também ajudam a criar, desenvolver e manter a frequência leitora.

É fundamental que o discente na universidade tenha a consciência e hábito de sempre ler além da bibliografia sugerida pelos professores nas disciplinas, pois essa prática expande o conhecimento e pensamento crítico. Contudo, dois dos três entrevistados não tinham nem o costume de ler as referências das ementas sugeridas pelos professores.

Por outro lado, os entrevistados acreditavam ter sido incentivados a ler durante a graduação pelos professores; porém havia outros fatores os quais frustravam e desmotivavam os acadêmicos que não conseguiam compreender a leitura, como excesso de formalidade, jargões, linguagem rebuscada, leitura densa,

bem como a falta de tempo – todos entendidos como empecilhos para não se ler além do que era solicitado em aula.

Portanto, ficou demonstrado que os estudantes possuíam dificuldade de compreensão com alguns textos, pois os entrevistados relataram acreditar que não conseguiam compreender todas as leituras, porque havia materiais científicos de difícil compreensão. Então, para tentar entendê-los Paola tinha o hábito de recorrer ao dicionário, enquanto Miguel e Joana pesquisavam em outras fontes, eles, ainda, disseram que não tinham o hábito de ler textos científicos antes de entrar no curso. Logo, a leitura de materiais acadêmicos, inicialmente, é um desafio para o universitário, por ter textos longos, muito teóricos e com vocabulários incomuns, além da maioria não ter contato com este tipo material até ingressar no ensino superior.

Por fim, a pesquisa demonstrou que os entrevistados possuíam crenças sobre a leitura acadêmica, e essas crenças influenciavam as suas práticas leitoras de maneira que eles nem percebiam que aquelas ações eram influenciadas pelo o que eles acreditavam.

Uma limitação deste estudo foi o perfil dos entrevistados, uma vez que trabalhamos apenas com os discentes da turma de 2018 do curso de Secretariado Executivo. Sugerimos para pesquisas futuras ampliar e diversificar o universo da pesquisa; e assim obter uma visão mais completa sobre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos alunos no curso. Observou-se que o prazer pela leitura acadêmica não apareceu nas respostas dos entrevistados, desse modo ao mesmo tempo em que, se constitui uma limitação para este estudo, torna-se um tema para pesquisas futuras que poderão explorar como a leitura acadêmica também pode ser prazerosa.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. D. A. A leitura em sala de aula e as crenças de professores e alunos sobre tal competência. **Revista de letras**, v. 7, n. 1, 2014. *Não paginado*. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/4744>. Acesso em: 04 out. 2021.
- AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. O sistema de crenças: aspectos qualitativos. **Estudos de religião**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 51– 67, 2018a. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/7815/6473>. Acesso em: 06 dez. 2021.
- AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. Sistemas de crenças: uma conceituação. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 237 – 255, 2018b. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>. Acesso em: 27 set. 2021.
- BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas. **Revista Linguagem e Ensino**, Pelotas: UCPel, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15586/9773>. Acesso em: 27 set. 2021.
- BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/qfzDkyppVRGDMQWCGm6K9SQ/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2021.
- BRASIL. Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985. Dispõe sobre o exercício da profissão de secretário, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 1 out. 1985. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7377-30-setembro-1985-356167-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 01 set. 2021.
- CANTALICE, L. M; OLIVEIRA, K. L. Estratégias de leitura e compreensão textual em universitários. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 13, n. 2, p. 227-234, jul/dez 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572009000200004>. Acesso em: 17 set. 2021.
- CORREA, M.D.C.; ABREU, A.S. A linguagem do texto científico: uma proposta de legibilidade. In: SANTOS, A.M. **As metodologias e a potencialização do ensino aprendizagem de língua, literatura e produção textual**. Mato Grosso do Sul: Inovar, 2020. cap. 4, p. 32-39. *E-book*.
- FRANCO, S. A. P.; REZENDE, L. A.; SILVA, R.J. **Leitura na universidade: do papel impresso ao virtual**, p. 787- 796, 2012. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/1475213/leitura-na-universidade--do-papel-impresso-ao-virtual>. Acesso em: 28 out. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GUERRA, E. L. A. **Manual pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo anima educação, 2014. 47 p.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9º ed. São Paulo: Pontes, 2002. 102 p.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008. 215 p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

NASCIMENTO, N. M.; OLIVEIRA, F. E.; OLIVEIRA, M. N.; crenças sobre o ensino-aprendizagem de línguas: um panorama das dissertações produzidas no Brasil. **Revista Trama**, v. 16, n. 37, p. 71- 83, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/23691/1522>. Acesso em: 06 out. 2021.

NEVES, G. A. Crenças socioculturais de alunos e suas influências no processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa. **VII CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA**, 2004. *Não paginado*. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CBLA_VII/pdf/055_neves.pdf. Acesso em: 27 set. 2021.

OLIVEIRA, M. N.; LIMA, E. A. Crenças de alunos sobre a leitura de textos multimodais. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 05, n. 02, p. 110-124, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/DDL/article/view/1492>. Acesso em: 06 out. 2021.

PINKER, S. **Guia de Escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância**. São Paulo: Contexto, 2016. 256 p.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, 276 p. *E-book*. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf> Acesso em: 09 ago. 2021.

SANTOS, D. L. S.; M, F. Reflexões e importância da prática da leitura e escrita no ensino superior. **Educere**, São Paulo, p. 17200 – 17213, 2016. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/27083_13775.pdf. Acesso em: 23 out. 2021.

SANTOS, S. J. B. A importância da leitura no ensino superior. **Revista de educação**, v. 9, n. 9, p. 77- 83, 2006. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/educ/article/view/2176>. Acesso em: 23 out. 2021.

SHERMER, M. **Cérebro e Crença**. Tradução de Eliana Rocha. São Paulo: JSN Editora, 2012. *E-book. Não paginado*. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/2370931/1df89d>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SILVA, D. C.; MEDEIROS, C. M. **Práticas de leitura e escrita na esfera acadêmica: um estudo com discentes do curso de pedagogia**. Campina Grande, p. 1-14, 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/8780953-Praticas-de-leitura-na-esfera-academica-um-estudo-com-discentes-do-curso-de-pedagogia.html>. Acesso em: 09 out. 2021.

SILVA, J. A. Discutindo sobre leitura. **Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP**, v. 1, n. 1, p. 22-35, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/326/n1jose.pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 194 p.

SOUSA, S. S. **Língua, leitura, gramática e escrita nas crenças de professores de língua portuguesa em formação**, 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SOUZA, I. **Estratégias de leitura para ler e compreender melhor**. São Paulo, 2017, 80p. *E-book. Não paginado*. Disponível em: <https://br1lib.org/book/5613750/9350f2>. Acesso em: 04 dez. 2021.

SOUZA, M. S. P.; VIEIRA, U. S.; SCAQUETI, A. J. A relação entre a linguagem e a aprendizagem da leitura e escrita. **Web artigos**, p. 1- 31, 2017. Disponível em: https://www.webartigos.com/artigos/a-relacao-entre-a-linguagem-e-a-aprendizagem-da-leitura-e-escrita/154292#google_vignette. Acesso em: 18 out. 2021.

TANZAWA, E. C. L.; PULLIN, E. M. M. P. Leituras prescritas e práticas de leitura de estudo no ensino superior. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 265-274, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/qx4gnfhy3vs4qGBXqyZ9R5B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2021.

ZAMBELLO, A. V.; *et al.* **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: Funep, 2018. 96 p. *E-book*.

APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada

1. Como é a sua relação com a leitura acadêmica?
2. Como você lê?
3. Como é a sua compreensão leitora?
4. Como você reage diante de textos complexos que você não tem afinidade com o assunto?
5. O que você percebe como leitura densa?
6. Você acredita que a sua percepção sobre leitura mudou quando entrou no curso?
7. Você acredita que lê por iniciativa própria ou se considera obrigado (a), por quê?
8. Você se sentiu incentivado (a) a ler durante a graduação?
9. O que te motiva a ler?
10. Você costuma ter claro em mente os objetivos que pretende alcançar com a leitura quando vai ler algo?
11. Você tem facilidade em se concentrar na leitura?
12. Você tem o hábito de concluir o que está lendo?
13. Que tipos de materiais você costuma ler na universidade?
14. Durante a graduação você leu mais livros inteiros ou trechos? Eram livros físicos ou versões digitais? Eram originais ou cópias?
15. Você prefere ler materiais impressos ou digitais?
16. Como você considera o seu tempo dedicado à leitura?
17. Com que frequência você lê os materiais acadêmicos?
18. O que te impede de ler com mais frequência?
19. Você acredita que o seu hábito de leitura aumentou, diminuiu ou manteve-se estável a cada período do curso?
20. Você tem o hábito de ler as referências da ementa das disciplinas e referências sugeridas pelos professores?
21. Você costuma fazer leitura analítica, isto é, ler o texto, compreender as partes essenciais e conseguir explicá-lo com suas próprias palavras?
22. Você costuma interagir com aquilo que lê, tem facilidade em associar o texto que está lendo com outros materiais que já tenha lido?

APÊNDICE B – Transcrições das entrevistas

Entrevista 1: Paola - 09/03/2022

1. Como é a sua relação com a leitura acadêmica?

Eu posso dizer que é ótima, de 0 a 10 seria 10, porque eu acho que a leitura acadêmica para nós acadêmicos é indispensável e não só pelas ementas que a gente tem para estudar e tudo... Mas também a gente sempre está procurando informação, evoluir para poder crescer profissionalmente.

2. Como você lê?

Quando é algo acadêmico eu primeiro faço uma leitura exploratória bem rápida, e na segunda leitura eu começo a fazer um fichamento já fazendo umas anotações das coisas mais importantes, porque geralmente quando tem algo importante sempre guardo, porque eu posso usar mais a frente.

3. Como é a sua compreensão leitora?

Bom, se for da minha área a compreensão é... não é difícil, mas às vezes você encontra alguns termos que você não está muito apto a ver, que você acaba tendo que recorrer a dicionários, isso é uma coisa que a gente sempre usa - um dicionário seja online ou seja o impresso mesmo, porque muita das vezes tem alguns artigos científicos que não é de fácil compreensão, então a gente sempre tem que recorrer ao dicionário para conseguir assimilar tudo.

4. Como você reage diante de textos complexos que você não tem afinidade com o assunto?

Recorro ao dicionário, mas quando eu quero me aprofundar no assunto eu sempre leio o texto uma vez, não entendi, leio uma segunda vez, já tenho uma compreensão melhor e quando o texto é muito difícil leio por uma terceira vez justamente para grifar aquilo que é mais importante. Até depois mesmo que você consulta o dicionário que você coloca as palavras lá, quando você lê de uma terceira vez a compreensão já vem 90%.

5. O que você percebe como leitura densa?

Depende, às vezes vai muito da questão do aluno, vou falar uma experiência minha quando você vai ler algo que você não está concentrado, que a sua mente não está ali 100% naquilo a leitura já começa a ser densa, porque você não está voltado para aquele texto. Mas em contrapartida eu acho... na minha concepção que uma leitura densa ela pode ser também

quando o autor acaba escrevendo demais, dá várias voltas e acaba não chegando a lugar algum, o que a gente ver muito em vários artigos e várias outras coisas assim é coisas repetitivas, às vezes você vai ler algo e já viu aquilo em outro lugar, quando você se depara com algum periódico um exemplo, você tem um apunhado de várias outras coisas que já foram produzidas anteriormente que você já sabe, que foram escritas, publicadas e você acaba tendo ali inúmeras páginas de algo que já foi dito e quando termina, você não tem aproveitamento nenhum, então eu também considero isso uma leitura densa. E também quando você usa de muitos adjetivos e termos complexos porque muita das vezes a leitura não precisa ter vários termos complexos, um ou outro tudo bem, mas a leitura tem que ser simples para que o leitor entenda, acho que essas são as três definições de densa para mim.

6. Você acredita que a sua percepção sobre leitura acadêmica mudou quando você entrou no curso?

Ah com certeza, disso eu não tenho dúvida. Eu sempre costumo muito ler, sempre fui muito a favor da educação, admirei as pessoas doutas, cultas, e sempre li e fui apaixonada por ler, mas muitas vezes eu preferia literatura, ficção científica. Então quando eu vim para academia, a gente tem as ementas, os conteúdos e as referências complementares e muitos alunos acabam não vendo, mas a gente sempre tem que ter o cuidado de ter a percepção de outros assuntos, porque a sala de aula não dá para você ver tudo, isso é óbvio, o aluno sempre tem que procurar a mais por fora, então a academia me fez abrir os olhos para outros assuntos e não só para o Secretariado, porque o Secretariado é um campo multidisciplinar, então você acaba indo para outros campos, onde o secretariado pode também exercer o seu papel. E isso me fez crescer de certo modo porque querendo ou não, você tem que ler, estar atualizada, acompanhar o crescimento da profissão. Então, para você ser um profissional de Secretariado e estar atualizado você tem que acompanhar as produções também.

7. Você acredita que lê por iniciativa própria ou se considera obrigado (a), por quê?

Eu acredito que leio por iniciativa própria, tem coisas que às vezes a gente não quer ler, mas a gente tem que ler, e nada é em vão, você sempre vai tirar um conhecimento daquilo. Então eu me considero que leio por iniciativa própria porque eu poderia não ler, mas eu leio.

8. Você se sentiu incentivado (a) a ler durante a graduação?

Creio que sim, o meu primeiro período mesmo foi muito marcante com as disciplinas de produção e recepção de texto, português instrumental onde a gente sempre foi estimulada a ler, a fazer resenha de livros, a ver a compreensão do texto, e a produzir texto que é muito importante. Então, eu considero que essas duas disciplinas são fundamentais para o aluno já perceber que ele está num curso que ele precisa ler e estar atualizado.

9. O que te motiva a ler?

Acho que conhecimento, porque o conhecimento não tem como você comprar, compra o livro, mas o que está dentro dele não. Então o que me motiva a ler é sempre o conhecimento, ter a certeza que aquilo que você está lendo aqui e agora lá na frente pode usar para a sua vida, você pode mudar a sua vida também, porque a leitura é isso, é moldar a vida para mim eu vejo como isso e também saber transitar em vários assuntos seja política, economia, seja secretariado. Para mim o que me motiva é isso é eu conseguir transitar por diversos campos.

10. Você costuma ter claro em mente os objetivos que pretende alcançar com a leitura quando vai ler algo?

Geralmente sim, um exemplo, agora eu estou fazendo TCC e o meu objetivo com a leitura é entender as coisas, o que acontecem para depois vim e escrever aquilo que eu aprendi e contestar com a minha realidade digamos assim. [...] Quando eu pego um artigo, o material de alguma revista o meu objetivo é compreender mais a fundo aquilo para realmente saber a raiz daquilo.

11. Você tem facilidade em se concentrar na leitura acadêmica?

Eu sempre faço de duas a três leituras, a primeira nunca é fácil para mim. Às vezes quando o texto já começa de maneira atrativa que me prende a atenção é bem mais rápida a leitura, mas quando não eu sempre tenho que ler uma segunda vez sim, porque uma vez só não é suficiente para mim.

12. Você tem o hábito de concluir o que está lendo?

Sim, sempre. Às vezes o artigo não traz um atrativo legal inicialmente, mas pelo título ou quando você lê o resumo inicial tem algo que me chama a atenção, então eu sempre quero ver o que aconteceu. Geralmente vejo muitos artigos com entrevistas, então eu gosto de ver a computação de dados, como

foi feito, então eu sempre procuro sim terminar mesmo que a primeira leitura não tenha me prendido, porque sempre há algo que você pode extrair.

13. Que tipos de materiais você costuma ler na universidade?

Ultimamente com a pandemia eu estou lendo muito artigo, e periódicos de revistas, mas quando estava ativa (aulas presenciais) na universidade eu sempre gostava de pegar livros (na biblioteca), porque eu sou mais do impresso do que do digital, é uma coisa que não vou me acostumar por mais que eu tenha que me acostumar, ainda é muito difícil para mim e às vezes fico procrastinando de ler algumas coisas porque afeta a minha vista, minha cabeça, fico com dor, então sempre vou preferir livros físicos.

14. Durante a graduação você leu mais livros inteiros ou trechos? Eu acredito que li mais livros inteiros. Eram originais ou cópias? Eram originais, eu sempre procurava os da biblioteca, é claro que li cópias em alguns momentos da graduação, mas a maioria foi original.

15. Como você considera o seu tempo dedicado à leitura acadêmica?

Eu acredito que é satisfatório, em alguns momentos eu poderia me dedicar mais, mas quando eu tiro para ler, para estudar eu acredito que é satisfatório.

16. Com que frequência você lê os materiais acadêmicos?

De três a quatro dias por semana. Geralmente eu estudo de oito a nove horas cada dia, mas têm dias que eu estudo mais, o máximo que já cheguei foi 11 horas.

17. O que te impede de ler com mais frequência?

Agora eu leio umas 4 vezes por semana que estou no final do curso, mas inicialmente eu lia bem mais, então do meu ponto de vista a minha leitura acadêmica não é ruim.

18. Você acredita que o seu hábito de leitura acadêmica aumentou, diminuiu ou manteve-se estável a cada período do curso?

Diminuiu no final do curso, eu lia bem mais antes, nos primeiros períodos sempre eram cinco matérias, eu nunca estava com menos de cinco livros dentro da bolsa [...] então hoje como estou só com o TCC eu acredito que estou lendo bem menos.

19. Você tem o hábito de ler as referências da ementa das disciplinas e as sugeridas pelos professores?

Sim, eu sempre tenho, sempre fui curiosa para querer saber mais e sempre fui consciente que o professor apesar de ele se esforçar muito, ele não dá 100%, para chegar nos 100% é o aluno.

20. Você costuma fazer leitura analítica, isto é, ler o texto, compreender as partes essenciais e conseguir explicá-lo com suas próprias palavras?

Sim, sempre. Acho que isso é uma das minhas qualidades, eu sempre procuro explicar da minha forma para poder assimilar melhor o conhecimento, às vezes se eu não fizer isso eu esqueço com mais facilidade.

21. Você costuma interagir com aquilo que lê? Tem facilidade em associar o texto que está lendo com outros materiais que já tenha lido?

Eu sempre fazia essas ligações das coisas que eu lia, mas isso ficou bem mais evidente com a graduação, até mesmo os links com algumas matérias você via algo ali, dois períodos na frente algum professor abordava e você acaba fazendo a semelhança.

Entrevista 2: Miguel - 09/03/2022.

1. Como é a sua relação com a leitura acadêmica?

Gosto de ler tudo, mas hoje por conta da faculdade eu leio mais assuntos acadêmicos... Por conta do tempo.

2. Como você lê?

Na leitura acadêmica leio grifando para marcar as partes importantes [...] se for algo, por exemplo, com foco para escrever, no TCC, por exemplo, marcando para depois transcrever, marcando as partes importantes e ver o que pode ser insumo para alguma coisa futura.

3. Como é a sua compreensão leitora?

Depende do assunto, é relativo.

Mas normalmente com relação à leitura acadêmica?

Acredito que eu compreendo bem, porque eu assimilo o que li.

4. Como você reage diante de textos complexos que você não tem afinidade com o assunto?

Faço alguma pesquisa em cima daquilo que não estou compreendendo.

5. O que você percebe como leitura densa?

Aquela leitura que vem com muitos jargões [...] uma linguagem que não seja de fácil compreensão. Por exemplo, você pode transmitir uma ideia de forma simples usando palavras do dia a dia, ou usando formas complexas, jargões, coisas que você utiliza mais na área, o que torna a leitura densa. Então acaba deixando a leitura mais cansativa e não tão acessível a todo mundo, porque a gente que é da área consegue entender, mas alguém que não for não pega. Os textos densos são mais cansativos e precisam de uma atenção maior para entender.

6. Você acredita que a sua percepção sobre leitura mudou quando entrou no curso?

Totalmente, porque eu não tinha contato com artigos nem nada científico, então foi da água para o vinho.

7. Você acredita que lê por iniciativa própria ou se considera obrigado (a), por quê?

Os dois. Depende do assunto, da necessidade.

8. Você se sentiu incentivado a ler durante a graduação?

Sim, tanto pelos professores quanto por mim mesmo, quando quero descobrir algo, quando quero aprofundar o assunto, importar mais, então tanto por motivação própria quanto dos próprios docentes.

9. O que te motiva a ler?

A necessidade de aprender sobre o assunto.

10. Você costuma ter claro em mente os objetivos que pretende alcançar com a leitura quando vai ler algo?

Sim, por exemplo, acabei de passar uns artigos para fazer mais uma subseção no meu TCC e meu objetivo é conseguir insumo para aplicar nesta subseção, colocar autores que tenham relação com a área e eu consiga embasar.

11. Você tem facilidade em se concentrar na leitura acadêmica?

Às vezes, porque eu gosto de fazer várias coisas ao mesmo tempo e quando é preciso focar em uma coisa só, nem sempre é fácil se concentrar, tipo desacelerar.

12. Você tem o hábito de concluir o que está lendo?

Se eu sentir que a leitura é ruim ou que não vai me agregar em nada ou, por exemplo, tem muito erro de português, erro de concordância que não vai servir para eu fazer nada eu não leio, mas a partir do momento que eu vejo que aquele texto vai ser interessante para mim, concludo normalmente.

13. Que tipos de materiais você costuma ler na universidade?

Artigos e TCCs da minha área e de outras áreas.

14. Durante a graduação você leu mais livros inteiros ou trechos? Eram livros físicos ou versões digitais?

Trechos e digitais.

15. Você prefere ler materiais impressos ou digitais?

Digitais, já foi tanto PDF que não me importo mais, eu prefiro versão digital porque dá para marcar, geralmente livro físico não consegue marcar porque é da biblioteca.

16. Como você considera o seu tempo dedicado à leitura acadêmica?

Proporcional à necessidade.

17. Com que frequência você lê os materiais acadêmicos?

Depende da necessidade, por conta do TCC estou lendo dia sim dia não. Em relação às horas diárias depende também do meu tempo no dia, não é nada certo, mas é em média duas horas.

18. O que te impede de ler com mais frequência?

Tempo, porque preciso trabalhar e descansar.

19. Você acredita que o seu hábito de leitura acadêmica aumentou, diminuiu ou manteve-se estável a cada período do curso?

Aumentou desde o primeiro período conforme as coisas foram aparecendo, fui começando a ler mais pela a necessidade de entendimento sobre os assuntos relacionados às disciplinas.

20. Você tem o hábito de ler as referências da ementa das disciplinas?

Sim.

21. Você tem o hábito de ler as referências sugeridas pelos professores?

Ah, quando tinha tempo e quando lembrava.

22. Você costuma fazer leitura analítica, isto é, ler o texto, compreender as partes essenciais e conseguir explicá-lo com suas próprias palavras?

Sim, porque você só consegue entender uma coisa quando consegue explicar ela, você não pode ler uma coisa e dizer: eu entendi e quando vai passar para uma pessoa não saber explicar, você não entendeu você leu.

23. Você costuma interagir com aquilo que lê? Tem facilidade em associar o texto que está lendo com outros materiais que já tenha lido?

Não, é algo que nunca pensei.

Entrevista 3: Joana – 12/03/2022.

1. Como é a sua relação com a leitura acadêmica?

Eu gosto de ler, mas não é todo material acadêmico que eu tenho interesse, então como não desperta o interesse a gente acaba não lendo tanto quanto deveria. Geralmente costumo ler só o material que é indicado pelos professores, eu não pego leituras extraclasse eu deveria fazer isso, mas acabo que também pela questão de tempo, por trabalhar, só faço as leituras indicadas e tem alguns, sendo sincera, que só leio as partes principais para as atividades.

2. Como você lê?

Eu costumo ler em voz alta, consigo assimilar melhor o conteúdo, eu sei que a maioria prefere a leitura silenciosa, mas quando eu leio alto é como se alguém estivesse lendo para mim, então eu consigo assimilar melhor as informações. Eu leio duas vezes o texto para compreender melhor, porém eu não começo do início ao fim e depois retomo do início ao fim [...] eu leio por parágrafo, leio aquele parágrafo e depois leio novamente para poder fixar melhor.

3. Como é a sua compreensão leitora?

Alguns eu compreendo bem, outros eu tenho dificuldades, acho que é um meio termo eu não consigo compreender bem todos, mas tem outros que consigo.

4. Como você reage diante de textos complexos que você não tem afinidade com o assunto?

Eu fico um pouco frustrada porque às vezes tem assuntos que eu quero entender e não consigo, como por exemplo, na disciplina de filosofia tinham os filósofos que era passado à leitura e muita leitura eu não compreendia o que o autor queria dizer. Então, isso meio que me frustrava um pouco durante as leituras por não compreender o material.

O que você fazia para tentar compreender esses textos que eram mais difíceis?

Especificamente nessa disciplina eu busquei vídeos na internet de comentários de críticos que já fizeram essas leituras e explicavam de uma forma mais clara, eu procurava outros métodos de apoio para compreender a leitura.

5. O que você percebe como leitura densa?

É aquela leitura que se torna um pouco cansativa pela quantidade de páginas, chega um determinado momento de páginas que para você lembrar-se do que você leu na introdução, nos primeiros tópicos você já meio que se perdeu um pouco de tanto conteúdo que teve que ser assimilado, absorvido. É uma leitura extensa com muitas páginas.

Como você geralmente faz essas leituras?

Eu peguei a dica de um professor, eu costumo ler a introdução e a conclusão, porque você consegue saber do que se trata o texto.

6. Você acredita que a sua percepção sobre leitura acadêmica mudou quando entrou no curso?

Mudou um pouco, porque com o passar dos anos e o hábito de pegar sempre essas leituras a gente vai se familiarizando inclusive até com o vocabulário. No começo eu senti um pouco de dificuldade, mas com o passar dos anos a prática fez com que a gente fosse se habituando a determinadas palavras. Então melhorou nesse sentido.

7. Você acredita que lê por iniciativa própria ou se considera obrigado (a), por quê?

Por iniciativa própria eu costumo ler quando é algo do meu interesse que eu tenho facilidade de compreensão que é prazeroso, por obrigatoriedade seriam aqueles textos um pouco maçantes que são indicados pelos professores para obter conhecimento na disciplina.

8. Você se sentiu incentivada a ler durante a graduação?

Pelos professores sim, eles sempre indicavam não só a leitura da disciplina, mas eles indicavam outras leituras também para que a gente fizesse, eu tive incentivo dos professores.

9. O que te motiva a ler?

A busca pelo conhecimento de compreender aquela disciplina, porque eu sei que esses conteúdos eu vou precisar na prática quando for começar a trabalhar.

10. Você costuma ter claro em mente os objetivos que pretende alcançar com a leitura quando vai ler algo?

Eu nunca tinha parado para pensar sobre essa ótica de já ler com um propósito, eu simplesmente leio, não faço planos para leitura só pretendo compreender o que estou lendo.

11. Você tem facilidade em se concentrar na leitura acadêmica?

Não, só se tiver ambiente silencioso, com barulho fica muito complicado, porque dispersa a atenção.

12. Você tem o hábito de concluir o que está lendo?

Depende da leitura, do material a ser lido, se for uma leitura que eu não esteja compreendendo, então eu não tenho muita motivação e acabo deixando pela metade.

13. Que tipos de materiais você costuma ler na universidade?

Mais as disciplinas dos professores, os artigos que eles passam.

14. Durante a graduação você leu mais livros inteiros ou trechos? Eram livros físicos ou versões digitais?

Apenas trechos de livros e eram digitais, porque também não busquei muito livro na biblioteca.

15. Você prefere ler materiais impressos ou digitais?

Impressos, porque eu sou de estar riscando o material para compreender e circulando as partes principais e no digital não tem essa opção, apesar de que pode sublinhar, mas não é a mesma coisa, ainda prefiro o físico.

16. Como você considera o seu tempo dedicado à leitura acadêmica?

Não é um tempo bom, poderia ser melhor, como eu trabalho isso acaba influenciando chego cansada do trabalho tem momentos que se for começar a ler vai dar sono, então eu procuro ler pela manhã, feriado à tarde, eu uso horários estratégicos para fazer a leitura, porque não é o suficiente.

17. Com que frequência você lê os materiais acadêmicos?

Uns três dias na semana, geralmente eu tiro duas horas para ler cada dia.

18. Você acredita que o seu hábito de leitura acadêmica aumentou, diminuiu ou manteve-se estável a cada período do curso?

Acho que estável, não aumentei a leitura.

19. Você tem o hábito de ler as referências da ementa das disciplinas?

Não, porque o que os professores passam em sala de aula já ocupa bastante o nosso tempo, se eu não trabalhasse eu poderia investir um pouco

mais na leitura extraclasse, mas por conta do trabalho não sobra muito tempo, então o trabalho acaba influenciando no tempo de leitura.

20. Você costuma fazer leitura analítica, isto é, ler o texto, compreender as partes essenciais e conseguir explicá-lo com suas próprias palavras?

Quando necessário eu faço isso, quando é exigida alguma apresentação em sala ou processo de avaliação, conteúdo de prova então procuro fazer isso, porque se eu não for falar, mas tenho que escrever sobre o que eu compreendi do texto na prova.

21. Você costuma interagir com aquilo que lê? Tem facilidade em associar o texto que está lendo com outros materiais que já tenha lido?

Alguns eu consigo fazer isso, mas nem todos, porque tem leitura que é de forma tão simples e clara que parece que o autor está falando com a gente é como se fosse uma conversa e você vai percebendo que já viu esse assunto em outro material. Depende do nível de atração da leitura e da forma como o autor coloca o texto.